História Contemporânea (Século XX)

Guerra Total:

1. O fenómeno da «guerra total» e as suas implicações estratégicas
2. A Frente Oriental e o impacto da Revolução Russa
3. O Presidente Wilson e a entrada dos Estados Unidos na Guerra
4. O fim dos impérios dinásticos e a emergência dos novos estados nacionais
5. A Conferencia de Paz de Paris e a nova ordem internacional

"É interessante, mas talvez não surpreendente que (…) sob certos aspectos, as sombras projectadas pela Grande Guerra de 1914-1918 pareçam longas, escuras e perturbantes do que nunca. Porque aquilo que ela significou e produziu alterou mais decisivamente o curso da história do que qualquer outro conflito dos tempos modernos, incluindo a sua sucessora, a II Guerra Mundial" – Paul Kennedy (New York Review of Books, 12 de Agosto de 1999)

Algumas Consequências:

- O fim do czarismo na Rússia, a tomada do poder pelos bolcheviques e o estabelecimento do sistema comunista.
- Colapso do império alemão, austro-húngaro e otomano (tendo este sido dividido pelos aliados num acordo secreto).
- Estado-nação e autodeterminação emergem como novos conceitos organizados do mapa político europeu (mas com inconsistências)
- A ideia de "comunidade internacional" e "governo global" ganha impulso (criação da SDN)
- A crise política e social dos anos 1920, de onde emergiram os movimentos fascistas e nacional-socialista.
- O início do fim da ordem mundial eurocêntrica (não termina, a França continuava a ser um grande império), com a deslocação do centro de gravidade financeiro de Londres para Nova Iorque, a ascensão de um outro imperialismo já não europeu (o que é interessante) japonês na Asia (Que tira partido do enfraquecimento dos impérios europeus) e o fortalecimento de movimentos anticoloniais da África Ocidental até à Indonésia (os impérios passam a conhecer uma contestação das elites locais, como por exemplo a Irmandade muçulmana no Egipto face ao império britânico ou a Irlanda que se revoltou com a Grã-Bretanha). Em certas zonas, a guerra mundial continuou, com guerras civis.
- Os bombardeamentos aéreos, a luta submarina e o uso de gases venenosos tornam a guerra mais mecanizada e imperial. A guerra torna-se menos humanizada, mais maciça, mais estatística, mais mecanizada, menos cavaleiresca.
- Os trabalhadores industriais, os sindicatos e os partidos de base operários vêm o seu poder aumentar; os interesses fundiários perdem influência.
- As mulheres obtêm ganho de causa para as suas reivindicações políticas (paridade de direitos civis, incluindo o voto)
- O mal-estar face à «civilização liberal-burguesa» e aos seus axiomas (ideia de progresso, primado da razão…) torna-se mais profundo, dando origem a uma crise cultural nas artes, ideias, religião, literatura, e nos estilos de vida. Portanto, ideias filosóficas como o positivismo e o iluminismo eram postas em causa, pois, por exemplo, a ciência podia ser usada para a destruição da humanidade.

- As operações militares primeiro, e o traçado das fronteiras saídas da Conferência de Paz de Paris, depois, exacerbam os antagonismos étnicos e religiosos em várias regiões europeias, com prolongamentos até à década de 1990 (pelo menos). Questões mal resolvidas na primeira guerra mundial prolongaram-se em várias zonas. O primeiro genocídio foi o massacre dos arménios em 1915, numa operação militar conduzida pelas autoridades otomanas, que não foi julgado e que deu incentivo para outros sociopatas como Hitler.
- A declaração Balfour de 1917 lança as raízes do conflito Israelo-palestiniano. A Grã-Bretanha comprometia o apoio para a criação de um Estado de judeus na Palestina. Vários activistas mobilizaram-se para a criação de um "lar, face a um desenvolvimento de um sentimento antijudaico.

A Sociedade das Nações é um projecto falhado. Criado pelo presidente norte-americano. Fraturas políticas e sociais criadas pela 1ª guerra e também um pouco cultural criaram o caldo político para surgirem alternativa aos sistemas liberais democráticos. Também existe um certo triunfalismo por parte dos vencedores. Achava-se que a auto determinação seria bom, mas muitos movimentos não democráticos aproveitaram-se disso. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA embora surjam muito poderosos da 1ª guerra, não emergem como líder mundial, mas retrai-se pelo menos a nível político. França e Inglaterra continuam a ser os grandes impérios coloniais. Inclusive ganharam bastante com os mandatos sobre as colonias alemãs. Mas sofrem de alguma sobre extensão colonial. Mudança da grande praça financeira internacional de londres para Nova Iorque. Aparecimento de Imperialismo não-europeu (japão). Servisse um pouco do enfraquecimento do impérios europeus e tem grande desenvolvimento. Contestação de algumas elites europeias coloniais ao colonialismo. Contestam potenciais coloniais. Muito visível no Egipto por exemplo. Era uma espécie de protectorado inglês na altura. Também alguma manifestação na China que também tinha sofrido efeitos do imperialismo ocidental desde as guerras do ópio e com a quebra do poder imperial chinês, são feitos alguns tratados pouco convenientes para a china. Grande movimento em 1919 contra concessões feitas pelas potenciais coloniais ao Japão, em detrimento da china. India é outro caso. O partido do congresso indiano, que já tinha mostrado capacidade de mobilização, vai-se mostrar ainda mais militante e assertivo e fazendo uso de métodos de contestação do Gandhi (não violência, contestação pacifica, etc.) A Irlanda também foi palco de vários levantamentos, revolta da Páscoa (1916). Guerra civil da Irlanda acaba em 1922. Guerra entre Grécia e Turquia até 1922/1923.

- Os bombardeamentos aéreos, a luta submarina e o uso de gases venenosos tornam a guerra mais mecanizada e impessoal.
- Os trabalhadores industriais, os sindicatos e os partidos de base operária veem o seu poder aumentar; os interesses fundiários perdem influência.
- As mulheres obtêm ganho em causa para as suas reivindicações políticas (paridade de direitos civis, incluindo o voto).
- O mal estar face à "civilização liberal-burguesa" e seus axiomas (ideia de progresso, primado da razão) torna-se mais profundo, dando origem a uma crise cultural nas artes, ideias, religião, literatura, e nos estilos de vida.

- As operações militares primeiro, e o traçado das fronteiras saído da Conferência de Paz de Paris, depois, exacerbam os antagonismos étnicos e religiosos em várias regiões europeias, com prolongamentos até à década de 1990 (pelo menos).
- A Declaração Balfour de 1917 lança as raízes do conflito israelo-palestiniano.

Acreditava-se na ideia de progresso, de melhoria da vida. Isto é posto em causa com os sacrifícios da 1.ª Guerra Mundial e o uso da indústria para a guerra. Criação de mal-estar já vinha um pouco de trás e já alguns autores falavam da questão e na 1ª guerra ganham influência. Manifestasse em todos os aspectos da sociedade. A razão substituída pela irracionalidade. Aproveitado pelo comunismo e nazismo. A conferencia de paz vem exacerbar antagonismos étnicos e religiosos. Questões mal resolvidas no final da guerra. O primeiro genocídio moderno (termo ainda disputado pelas autoridades turcas), foi o grande massacre genocídio arménico em 1915 na Turquia que levou à morte de centenas de milhares. Outro conflito contemporâneo que não tem fim próximo tem as raízes na primeira guerra é o conflito israelo-palestiniano. Criação de estado nacional judeu na Palestina que era uma província otomana. Muitos líderes judeus, com o escalar de acontecimentos na Europa, acarinharam ideia de se estabelecerem na Palestina. Mas nem sempre teve grande tração. Havia também alguns que apoiavam a integração dos judeus nos países onde viviam.

Guerra Total:

- Mobilização sem restrições dos recursos nacionais (humanos, materiais e financeiros) para obtenção da vitória, em que os fins justificam os meios. Apesar de tudo, não elegeram os civis como alvos, ao contrário da II Guerra Mundial.
- A aniquilação da vontade de lutar do adversário e o seu enfraquecimento duradouro torna-se o principal fim a alcançar. Luta-se sem saber mais ou menos porque se lutava. Queria-se sim enfraquecer o inimigo para que este depois não conseguisse recuperar.
- Compromissos são vistos como «sinais de fraqueza» (ou pior como manifestações de traição). A «vitória total» torna-se inegociável.
- O sentido da proporcionalidade é perdido de vista; a vida humana perde o seu carácter sagrado (especialmente a dos adversários) e a distinção entre «combatentes» e «não-combatentes» tende a esbater-se. Sem atingir a dimensão da II Guerra, verifica-se alguns episódios como o genocídio dos arménios e as atrocidades alemãs da Bélgica, com violações e fuzilamentos a civis.
- As «leis da neutralidade» são postas em causa, como por exemplo os abastecimentos que os ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA ofereciam à Grã-Bretanha e a França, mal visto pelos alemães. Uma das razões que o Estado português dava para que se tornasse combatente e não neutro é que havia nesta altura mais vantagens de crédito (por exemplo).

Não foram apenas os alemães e japoneses que atacaram civis na 2ª Guerra Mundial. Os aliados com os seus bombardeamentos também o fizeram. Se tivessem perdido a guerra os líderes aliados seriam julgados por crimes de guerra. Na 1.ª Guerra Mundial ainda não havia bombardeiros de longo curso e armas nucleares. Quando a certo ponto o presidente Wilson pergunta aos europeus porque lutam, as respostas são vagas. Uns queriam repor status quo, outros

resolver problemas territoriais (Alsácia-Lorena – França). Tudo se junta para criar a ideia de vitória total para justificar a guerra. Não deixar que o inimigo voltasse a ameaçar integridade nacional. A meio da guerra a frança e a Inglaterra já estavam tão endividadas face aos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA que para saírem como entraram precisavam das reparações de guerra pagas pela Alemanha. Já não era possível repor status quo e fazer compromisso sobre a guerra. Até que ponto podiam os alemães permitir as trocas entre ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA e a Inglaterra e a frança que levava mantimentos para a europa e material militar? Não podiam arriscaram-se à beligerância americana. Americanos também apresentam argumento que nações neutrais estavam a sofrer também os problemas da guerra, mas não tinham as vantagens (linhas de crédito, etc.). No caso da 2ª guerra, a bomba atómica é lançada por respeito à vida. À vida americana. O presidente americano era eleito pelos americanos e era por estes que tinha de zelar.

Batalha do Somme (1915): operação na qual o comando britânico tinha grande expectativa, não correu como esperavam. Averbaram cerca de 50 mil baixas nas primeiras horas e nas centenas de milhar no total da batalha, apenas para ganhar alguns metros. Estes 50 mil de baixas é o total de baixas americanas na guerra do Vietname.

Inglaterra não tinha exército permanente. A ideia era não se intrometer na vida das pessoas. Mas teve de arranjar exército para combater na 1ª guerra. Foi na Inglaterra que surgiu o primeiro movimento objetor da consciência. Muita participação de tropas indianas, norte africanas, na 1.ª Grande Guerra. No entanto o seu contributo desapareceu quase por completo da representações culturais. Muita gente não percebia porque é que a Inglaterra estava na primeira guerra. A ideia era que a Inglaterra garantia a independência da Bélgica que tinha sido violada pela Alemanha. Mas será que isso justifica a guerra? Claro que é uma questão de princípio, mas não era a única razão. Também havia medo dos ingleses de um imperialismos alemão que se estendesse pelo continente todo.

A propaganda da época incentivava as pessoas a alistarem-se. «Your country needs you» (cartaz britânico). É uma sociedade que conhece o marketing com alguma chantagem emocional. Os valores do militarismo estavam muito presentes, bem como a cidadania estava relacionada com o cumprimento do serviço militar. A mulher foi representada como passiva no período de Guerra, ficando em casa com a restante família.

21 de Fevereiro

Pré-guerra:

A ideia alemã era conseguir a hegemonia. A ideia dos alemães era evitar uma guerra de duas frentes prolongada. Teriam de se confrontar com a França a ocidente e a Rússia a oriente. A França estava equilibrada comparada com a Alemanha e a Rússia tinha o elemento demográfico e a extensão territorial difícil de conquistar. Os alemães esperavam que com a sua rapidez conquistassem a Bélgica. No entanto, não se passou assim. Os alemães tiveram de travar a guerra em duas frentes contra a França e a Rússia. Com a Rússia tiveram um revés inicial, mas ao fim de alguns meses com a ajuda dos austríacos que tinham conquistado um ascendente aos exércitos czaristas. Até 1917 a Alemanha esteve sempre a tirar território à Rússia, mas não conseguiu enfraquecer as potências ocidentais. A Alemanha era nesta altura a potência

económica, ultrapassando a Inglaterra em vários sectores. Por volta de 1916, a Alemanha estava mais confortável e tinha a melhor máquina militar, superando os adversários. No entanto, Inglaterra e França investiram na guerra e tinham condições geradoras de riqueza e eram apoiados pelos Estados Unidos da América. Os alemães investiram em submarinos.

Os americanos tinham já a tradição de não se meterem nos assuntos políticos europeus e que ganhara consistência doutrinal ao longo do século XIX. Estados Unidos da América estavam mais focados na união dos seus Estados. Tudo isto consumiu energias de capitais. A América acolhia também muitos emigrantes que teriam de se tornar cidadãos americanos, um processo longo, pois teriam laços identitários fortes. Deste modo, estar a confrontar países de onde tinham vindo os emigrantes como alemães, irlandeses, polacos, italianos, escandinavos, os judeus do império russo, era estar a comprometer a sua estabilidade interna. Já tinham direito de voto de pressão política e estes equilíbrios não podiam ser perdidos. O presidente Wilson democrata que ganhou em 1912 as eleições tinha um programa progressista mais igualitário. O seu slogan em 1916 foi «ele mantem-nos fora da guerra» e ganhou o 2.º mandato. Os Estados Unidos da América tiveram de entrar pois era conveniente que os aliados ganhassem a guerra face ao endividamento de Inglaterra e França, que contavam com os Estados Unidos da América. Os britânicos asseguraram investimentos lá. Portanto, apesar do slogan percebeu-se que a política de neutralidade não era vantajosa, pois era necessário assegurar a vitória dos aliados. No entanto, se os aliados ganhassem, o Japão iria ficar fortalecido e isso era algo a evitar. Apesar do poder económico contar, o slogan era para manter e a América era um Estado democrático e a entrada deveria de ser discutida em eleições.

Os americanos só chegam em força no início de 1918 finais de 1817. Até aqui os alemães podiam ter esperanças legítimas de ganhar a guerra. Os alemães aperceberam-se que os bolcheviques tinham anunciado a guerra como uma guerra revolucionária. Desta forma, mandaram Lenine para a Rússia. A ideia era tirar a Rússia da guerra, pois era um perigo para a Europa. Os bolcheviques foram forçados a fazer uma paz com a Alemanha. Os soldados regressaram à Rússia, um exército de soldados camponeses desejosos de regressar a casa e tratar das terras. A Rússia sofre perdas territoriais brutais com esta capitulação, perdendo a faixa a ocidente do seu território. Lenine tinha prometido a paz e as pessoas não queriam combater. A sua ideia era concentrar o poder estabilizar a situação. Os alemães em 1918 estavam numa situação interessante pois não se tinham de preocupar com o lado oriental, os Estados Unidos da América não tinham grande expressão até ali, os franceses estavam desgastados. Havia uma descrença política. Os alemães apostam tudo na primavera de 1918, com uma grande ofensiva, grandes meios, mas foi ai que a opinião publica alemã quebrou pois mesmo com vantagem, a Alemanha não conseguia ganhar. Gerou críticas políticas na Alemanha, uma instabilidade política e social. Surgem os primeiros motins e mais tarde sovietes em algumas cidades alemãs e o estado-maior alemão fica com dúvidas sobre a continuação de uma guerra e aperceberam-se que numa condição vantajosa seria melhor negociar.

Normalmente as guerras eram travadas no verão e com caracter decisivo. As últimas guerras entre grandes potências já era quase um ideia esquecida na altura da 1.ª Guerra Mundial. A ideia do uso dos caminhos de ferro para transportar tropas e surpreender inimigos estava muito maior nos estados maiores europeus. O Plano Schlieffen em 1905 que trata da invasão da França.

Na primeira guerra, a Alemanha temia ser obrigada, em caso de guerra, a combater em duas frentes, ocidental e oriental. Os alemães queriam livrar-se rapidamente de um inimigo. Queriam reproduzir o que se tinha passado na guerra franco-prussiana em que chegaram rapidamente a Paris. Mas para tal tinham de invadir um terceiro país, a Bélgica. Queriam conquistar rapidamente a França numa tentativa de ter ganho a guerra a ocidente antes da Inglaterra se mobilizar. Os Alemães combateram sempre em território francês e belga, nunca o seu território foi violado. Chegaram inclusive a ver a torre Eiffel à distância. Uma das razões pelas quais os cidadãos alemães no fim da guerra não se sentem nação derrotada e não percebem bem penas que lhes são impostas. Coligação das potências centrais era bem pensada. Por um lado, o poderio industrial, militar (a melhor capacidade militar das duas guerras) alemão e o poder agrário austro-húngaro. Mas os Ingleses e Franceses também tinham os seus trunfos. Tinham muito crédito nos Estados Unidos da América e a Inglaterra detinha território como Canadá, África do Sul, Índia, já com capacidade industrial e população para combater. Poderio militar alemão nunca foi suficiente para quebrar o impasse. Fizeram uso de muitas inovações, uma delas os submarinos. Queriam tentar quebrar apoio dos Estados Unidos da América ao inimigo, mas também podia resultar mal, e os Estados Unidos da América declararem guerra, mas achavam que quando tal acontecesse que a guerra já estaria ganha, pois, a Grã-Bretanha e a França não teriam aguentado o esforço de guerra. A Inglaterra e a Alemanha tinham grande competição naval, no entanto as suas armadas mal saíram dos portos por medo de deixar um dos flancos abertos.

Uma situação foi o interceptar de um telegrama dos estado maior alemão ao governo mexicano a dizer que os apoiariam em caso de guerra com os Estados Unidos da América, pois o México tinha contas a ajustar (por exemplo o caso do Texas). Criou-se uma onda patriótica na América, anti-germânica. A entrada dos Estados Unidos da América na guerra foi difícil, pois não se metiam nos assuntos europeus quase desde a sua fundação. Apoiavam a Doutrina Monroe de 1824 de não intervenção em assuntos europeus, se os europeus não se meterem em assuntos americanos. Foi numa altura de independências americanas e não queriam ver intervenção europeia no continente. Os Estados Unidos da América durante o século XIX também tinham mais com que se entreter: Guerra Civil, conquista do Oeste e seu desenvolvimento. Outro factor é o acolher de muitos imigrantes por parte dos Estados Unidos da América . Estes ainda tinham de se tornar cidadãos e adotar os termos patrióticos americanos. Muitos imigrantes continuam a falar as suas línguas e mantém-se muito ligados ao seu país de origem. Portanto entrar num conflito que punha os Estados Unidos da América frente a países de que havia muitos imigrantes na América podia comprometer esta tarefa de assimilação. Imigrantes fundamentalmente da Irlanda, Itália, Polónia, Escandinávia, Império Russo, alguns Alemães. Itália muda para o lado da Entente, Polónia achava que potencias centrais impediam a sua expansão, Escandinávia eram ambíguo, no caso russo muitos eram judeus a fugir e que apoiavam vitória alemã contra a Rússia.

Woodrow Wilson muito virado para reformas. Tradição progressista mais igualitária do partido democrático. Era crítico do intervencionismo americano tendo em conta o cada vez maior envolvimento Americano no continente desde a guerra hispano-americana. Ganha eleições com margem curta em 1916. Um dos adversários era o antigo presidente Theodor Roosevelt. É provável nesta altura já pensar em entrar na guerra pois os seus interesses já estavam muito ligados a uma vitória da Entente nomeadamente no caso dos créditos dados. Grande transferência de ouro da Inglaterra para a América, venda de títulos de investimento por parte dos Ingleses e a certa altura os Ingleses (principalmente) começam a fazer empréstimos à banca privada americana. Existia, portanto, um certo lobby americano para entrada na guerra até colocando a questão de haver muitos casamentos da aristocracia inglesa com família ricas americanas. Se a Inglaterra perdia a guerra, como pagava a dívida?

Para os Estados Unidos da América declararem guerra tinha de haver aprovação do Senado para tal. Os senadores dos estados a este eram mais virados para a guerra, o Midwest nem por isso, os estados a ocidente (Washington, Califórnia) pensavam mais no pacífico e na ameaça japonesa. O telegrama do estado maior alemão vai influenciar muito opiniões. Existem, no entanto, dúvidas de como o telegrama foi parar às mãos do presidente americano. Wilson muito influente para a história americana. Era um homem do Sul, da Virgínia, Senador desse Estado, mais de cultura sulista, mais racista. Wilson não era alheio a essas ideias. Era democrata que era o partido mais racista da altura. Só se torna partido das minorias nos anos 60 do século XX.

General Pershing liderou esforço de guerra americano. Os Estados Unidos da América entram na guerra como potência associada e não potência aliada com o seu próprio comando militar. Era uma maneira de controlar mais tarde as suas decisões em separado. E só entram na guerra no fim de 1917. Nesta altura ainda era possível a Alemanha ganhar a guerra. Alemanha pode tirar partido da revolução da Rússia. Havia facção no expectro revolucionário russo que alemães percebiam que se ganhasse traria o que eles queriam, a paz. Bolcheviques tinham declarado a guerra, uma guerra capitalista contra os interesses operários. Colocaram Lenine num comboio de Genebra para a Rússia. As coisas surgiram efeito. A tentativa de Kerensky de manter Rússia na guerra e legitimar o governo provisório Menchevique falhou. Foram forçados a fazer acordo com a Alemanha em Dezembro de 1917 em Brest-Litovsk A disciplina no exército russo tinha-se desintegrado, soldados a voltar para casa. Rússia é forçada a compromisso. Sofre penas territoriais brutais. Perde Letónia, Lituânia, Estónia, parte da Bielorrússia, parte do Cáucaso, Ucrânia, parte russa da Polónia. Sendo assim, no início de 1918, Alemães em vantagem. Já não têm frente oriental, americanos ainda não eram problema bem presente, exército francês em estado quase comatoso com algumas revoltas e mudança de primeiro-ministro (os ingleses também renovam a liderança). Império Austro-Hungaro também entra na fase final de decadência e deixa de ter autonomia face à Alemanha.

Em Portugal, Sidónio Pais chega ao poder em 1917, vários motins de fome em várias cidades portuguesas. Alemanha consegue manter frente doméstica mais ou menos intacta. Aposta então tudo na Primavera de 1918. Faz grande ofensiva, muitos homens e material e apenas ganharam alguns metros. É aqui que opinião pública alemã quebra. Nem

nestas situações conseguiram os Alemães quebrar inimigo… Quando os americanos começassem a ser uma verdadeira ameaça não seria possível ganhar. Também nesta altura, a pressão bolchevique começa a fazer pressão sobre o operariado alemão. 1os motins na Alemanha, chegam a surgir sovietes na Alemanha. Estado Maior começa a ter dúvidas de poder ganhar a guerra. Começam a pensar em alternativas. Achavam que podiam chegar a acordo com a Entente, sacrificam a cabeça do Kaiser, a monarquia, mas mantém exército e estado alemão. A guerra até tinha sido favorável em certos termos pois tinha levado a uma centralização do Estado. No tempo de Bismarck havia grande descentralização, Alemanha era estado federal. Pensaram então no armistício. Os discursos do Wilson também ajudavam à ideia da paz. Wilson era adepto da democracia e da autodeterminação e os aliados não eram vítimas pois segundo ele tinham entrado na guerra devido a questões imperiais.

O programa de Wilson defendia:

-Autodeterminação como princípio organizador da nova ordem internacional.
-Diplomacia aberta e escrutinada (era a favor de um certo parlamentarismo internacional, uma organização).
-Livre navegação e livre comércio.
-Ajustamentos coloniais levando em igual atenção os interesses das populações e as questões de soberania. Portanto não era um descolonizador, mas era alguém que dava como adquirido o desmantelamento de alguns impérios como os derrotados e por isso teria de haver uma organização territorial e política.
-Criação de uma organização internacional que assegurasse a independência política e a integridade territorial de estados grandes e pequenos ("segurança colectiva"), a SDN.
Esta ideia não era exclusiva dos EUA pois na Europa alguns movimentos defendiam a paz, terminando com a luta da corrida ao armamento.

Wilson não entra logo na guerra. Não estava muito convencido na causa da Entente. Admirava em muitos casos os Alemães, líderes europeus da alta cultura. E também como podiam os ingleses e franceses estar a lutar pela democracia quando estavam aliado com a Rússia. Até 1918, o parlamento (Reichstag) respondia perante o Kaiser. Wilson também achava que uma das razões da guerra era as questões coloniais e as conversações secretas de gabinete. Vai propor que a auto determinação seja o ponto basilar da nova ordem internacional. Também tem de se mudar a maneira como a política internacional é conduzida. Política externa feita com base numa opinião pública informada e conhecedora dos factos. Segurança colectiva – uma agressão a um, é uma agressão a todos. Corrida armamentista foi uma das causas da guerra. Lobbys belicistas (industriais ligados ao armamento e com ligações políticas) eram chamados de mercadores da morte.

Os Estados Unidos da América tinham tempo para se preparar para uma guerra e tinham um oceano de distância. Europeus diziam não o poder fazer. Tinham de estar sempre prontos para a guerra. Se queres paz prepara-te para a guerra. Havia que argumentasse que isso levava a maior insegurança. Wilson dava como certo desmantelamento dos derrotados, mas levando em conta opinião das populações. Mas também era apoiante de independência de certos povos

do interior do império britânico. Alemães achavam poder conversar com Wilson para ter uma paz pouco punitiva. Mas tal foi difícil. (Versalhes assinado em 30 Junho 1919). Conferência de paz foi o grande conclave diplomático desde o congresso de Viena. Ainda maior e com uma maior agenda. Todos os países envolvidos no conflito e até alguns neutros podiam comparecer, mas na prática as decisões estavam nas mãos do Directório composto por 5 países. Inglaterra, França, Estados Unidos da América, Japão, Itália. O Japão só é consultado em matérias da Ásia e a Itália é a Itália (Que contributo tinha dado para a guerra?). Wilson chega à Europa rodeado de um enorme prestígio, aquele que tinha feito a diferença e também porque tinha um discurso diferente. Não imaculado por promessas não cumpridas. Quando chega a Inglaterra e antes de seguir para a França faz viagem por várias cidades inglesas para demonstrar que não tinha apenas a autoridade conferida por ser presidente norte-americano, mas que detinha apoio das opiniões pública dos outros Estados. A ideia do amadorismo diplomático americano desaparece quando Wilson aparece com um grande staff e se nota a grande preparação dos americanos. Veio de barco para a Europa e usou esse tempo para se preparar. Conversas com diplomatas, historiadores, geógrafos, etc. Quando chega tem mais dúvidas de que podia concretizar as suas ideias do que à partida.

O Tratado de Versalhes é visto com maus olhos. Congresso Viena tinha conseguido uma paz duradoura na Europa. Versalhes durou 20 anos. Os erros de Versalhes explicariam crise europeia que se seguiu e ascensão do nacional-socialismo. Umas das falhas apontadas é a exclusão da Alemanha e como esta foi tratada. Foi contraproducente. Muito do ressentimento alemão podia ter sido anulado se tivesse sido incluída. Delegação alemã não foi instalada num château, teve de pagar os quartos e só foram chamados para assinar (nem sabiam quanto teriam de pagar). Algumas fronteiras da altura foram desenhadas pelos acontecimentos. Que meios tinham para intervir os vencedores? Não tinham aviação, não tinham maneira de pressionar outros. Rússia estava numa convulsão, decide manter-se à margem. Tinha traído apoio czarista de não entrar em paz com a Alemanha, dizem não pagar dívida do estado czarista e "publicam" todos os documentos diplomáticos do czar que mostra as negociações secretas. Nisso também, muitos milhares de pensionistas franceses tinham perdido as pensões pois tinham feito investimentos na Rússia, agora perdidos.

28 de Fevereiro

A Checoslováquia seria uma Suíça do Leste.

A Polónia era um país cuja elite política tinha simpatias para com os aliados.

À França agradava-lhe a ideia da Alemanha estar rodeada por estados que devessem algo aos aliados de forma a equilibrar. No entanto, eram estados de pouco peso. A polónia era também um estado problemático para ter um modelo estatal coeso.

Limpezas étnicas: os gregos e os turcos emigraram para os seus países de forma organizada devido à política desses Estados.

O Tratado de Versalhes:

A autodeterminação não tinha nexo na Alemanha e por isso Wilson não foi credibilizado.
Aceitação da desmilitarização da Renânia: a zona que os franceses queriam que fosse uma república como Estado tampão. Isso para Wilson e para os ingleses seria desfazer o trabalho que o nacionalismo alemão teve no século XIX. A subtração da Prússia cedida à Polónia foi difícil de aceitar para a Alemanha.
Nas negociações de paz, houve vozes que alertavam para o perigo que as consequências do tratado podiam despoletar na Alemanha. Uma dessas vezes foi John Keynes. Este não previu a depressão e desta forma, para além da questão fracionária, a Alemanha teve um aumento do desemprego.

Woodrow Wilson meditou sobre desafios e já antecipava decepções das decisões que seriam tomadas. Era impossível arranjar formas satisfatórias para todos os conflitos que era preciso resolver. Problemas ancestrais não possíveis de resolver de um dia para o outro. Muito a ver com o princípio de autodeterminação. Rapidamente muitos perceberam que o conceito de auto determinação e a maneira como o Wilson o entendia era diferente de como outros o entendiam. Nos Estados Unidos da América esta ideia tinha funcionado bem com uma luta contra uma tirania opressiva pela via eleitoral, competitiva (revolução americana). Mas Wilson achava que tal não seria o passo inevitável na Europa. Achava que muitas comunidades com identidades nacionais não pudessem fazer uso total do conceito. Por exemplo, o conceito podia ser usado por Estados multinacionais sendo que Wilson inclusive não previa a dissolução do Império Habsburguês (estado mais multinacional europeu), isto porque não seria fácil construir estados nacionais a partir destes que continham tantas nacionalidades.

Conceito de autodeterminação – devia juntar todos os indivíduos que criavam uma sociedade ou pelo menos os mais cultos com capacidade para serem cidadãos?
Conceito de ser só usado na Europa ou devia espalhar-se ao resto do mundo (ex. colónias)? Certos pontos de Wilson não muito explícitos ou fáceis de conciliar uns com os outros. Uma certa ambiguidade, pois, percebia-se haver limitações até onde Wilson podia ir pois mesmo no seio da sociedade americana embora já não houvesse escravatura, os negros não detinham certos direitos civis. Para Wilson, autodeterminação era para populações que tivessem atingido um certo patamar cultural e de desenvolvimento e que pudessem exercer cidadania e criar instituições políticas modernas. Pensava sobretudo nos povos que pelo século XIX e através de lutas políticas, estavam muito próximos de poder ser estados nacionais e soberanos. Tal como os alemães e os italianos, os polacos, os eslovacos ou até os checos podiam formar estados nacionais.

No entanto, também não esquecer que algumas destas nacionalidades tinham comunidades nos Estados Unidos da América e formavam lobbys. Foi um destes lobbys que fez pressão para um Estado bi-nacional checoslovaco. Só alguns interlocutores eram considerados válidos para criar esses novos Estados. Quem ficasse de fora podia não gostar. Um destes casos é o Italiano que tinham certos objectivos nacionais e pretensões que não foram satisfeitos.

Wilson vê-se com problemas. Cada vez que tenta utilizar o seu conceito de autodeterminação em algum território ou Estado, levanta outros problemas (como por exemplo fala de auto determinação dos povos, mas apoiou que Alemanha não se pudesse juntar aos povos alemães da Áustria).

Checoslováquia uma das últimas democracias a cair entre as duas guerras pela forte pressão da Alemanha. Na altura da conferência de paz não sei que bem não sei que. Convinha que estes estados de leste que nesta região surgissem uma serie de estados com massa crítica. Tal como a Suíça encontrou uma forma federal de acomodar a sua república e forte cultura cívica, era um modelo muito agradável para os dirigentes aliados, e a Checoslováquia seria a Suíça da Europa de leste. Os checos e os eslovacos não eram os únicos povos. Haviam muitos alemães concentrados nesta zona. Mais tarde, a evolução política da Checoslováquia mostrava predomínio dos elementos checos? Muitos destes casos apesar das suas instituições democráticas, eram uma espécie de mini impérios, e reproduziam muitos dos erros do império habsburguês. Estes estados prosseguem a sua caminhada numa altura de profunda crise na Europa. Alguns deles provinham de um conflito profundamente destrutivo. A Sérvia foi a que mais sofreu na 1.ª Guerra Mundial, e em 1912/13 ainda sofreu as guerras balcânicas e foi invadida pelos austríacos.

A Polónia também era um país cuja elite política agraciava os lideres aliados. E também era extremamente problemático do ponto de vista da criação de um modelo estatal minimamente coeso. A imagem actual que temos da Polónia é algo ainda muito recente, à época havia um conjunto muito significativos por exemplo de ucranianos que não seguiam nem a religião cristã católica nem a cristã ortodoxa (mas eram cristãos). Também uma parte significativa de judeus e ciganos, bem como outras minorias étnicas.

A ideia de Venizelos (Grécia) era unificar todos os indivíduos que falavam a língua grega. (Havia um centramento do Estado no elemento turco otomano (império já desfeito). Conflito que se prolonga até 1922, com centenas de milhares de mortos. A Grécia sofreu muito mais neste conflito de 1912 até 1922. Fez-se um acordo entre os governos para transferir populações (entre os territórios gregos e trucos). Eram populações que já nem tinham ligações emocionais à Grécia, mas eram identificadas como tal e tiveram de ir. A exemplo, as cidades de Atenas e Istambul que cresceram brutalmente para albergar estas pessoas, completamente desproporcionadas.

O desenvolvimento mais saliente da Conferência de Paz foi o Tratado de Versalhes. Porque se tornou ele tao problemático para a democracia alemã e para a Europa? A Alemanha teve de mudar de instituições, para uma república democrática, a república de Weimar. Eles não foram convidados a participar na conferencia, nem às sessões que se relacionavam com a Alemanha. Um dos aspectos que surgiu como mais problemático e afectou a legitimidade da abordagem de Wilson foi a Alemanha ter ficado proibida de se unir à Áustria, ou seja ao núcleo germânico que restava do império habsbuguês. Isto era um tabu para os dirigentes aliados não podiam aceitar que a Alemanha derrotada saísse beneficiada na conferência de paz. Esta duplicidade de critérios surgiu logo na imprensa alemã na altura, Wilson n era pra ser levado a sério por se ter deixado levar pela França. A cedência da Alsácia-Lorena. Também a desmilitarização

da Renânia, a zona onde os alemães tinham querido colocar um estado-tampão entre a França, Bélgica e Alemanha (se calhar ate com Colónia como capital). Alemanha perde todas as colónias ultramarinas e feitorias na China. Schewig do Norte dado à Dinamarca. Danzig dado aos Polacos para abrir caminho para o mar. Isto para os dirigentes aliados implicaria desfazer o trabalho que o nacionalismo alemão realizara desde em meados do século XIX e isso não era aceitável caso a Alemanha quisesse estar integrada na nova ordem europeia.

Também a Prússia, parte dela foi cedida à Polónia. Também não poderia manter forças armadas com o mesmo nível que tinham tido ate 1918, pensava-se que o Estado alemão tinha sido o grande arquiteto da política militarista e expansionista da Alemanha (artilharia e submarinos confiscados, não poderia realizar testes em solo alemão de novas técnicas militares). O exército era a base do Estado alemão, uma instituição fundamental para viabilizar o estado alemão e integração das suas elites. O Tratado de Versalhes inclui o pacto da sociedade das nações e a Alemanha estava impedida de por enquanto, se juntar à sociedade. E era uma das principais nações europeias e isto não foi visto como razoável. Por último o pagamento das reparações de guerra, algo que n foi nada bem recebido e ainda hoje marca o imaginário alemão.

Isto não era novo, durante a história europeia sempre que se provava que um derrotado era grande responsável, era ele que pagava os estragos. A Alemanha era vista como a grande causadora da guerra, com a cobertura que deu à Áustria, e que levou à escalada diplomática e ao desencadear das alianças. Todavia, também tinha sido Napoleão III que tinha empurrado a Alemanha para a tensão na guerra franco-prussiana de 1871. A questão era quando os alemães assinaram o tratado, assinaram um cheque em branco, era algo a ser determinado numa conferência posterior! O montante era bastante elevado. Os ingleses e os franceses também tinham uma divida colossal para com os Estados Unidos da América e isso fazia com que os aliados não pudessem de momento pensar em perdoar as dívidas de guerra à Alemanha. Precisam dos dividendos para refinanciar os seus países. Claro que na conferencia, vozes alertaram para os perigos desta conferência de paz. John Maynard Keynes, representante do tesouro britânico. Dimensões da conferência mais extra europeias: relacionadas com os impérios que tinham sido derrotados.

5 de Março

Para além do tratado de Versalhes houve mais 4 tratados:

Tratado de Saint-Germain (10-9-1919) relativo à Áustria

Tratado de Neuilly (27.11.1919) relativo à Bulgária: perdeu território sujeito ao pagamento e uma redução do contingente militar

Tratado de Trianon (4.6.1920) relativo à Hungria: a seguir à Alemanha foi a que mais sofreu com perdas. Perdeu 13 milhões de habitantes e o ressentimento de paz foi fortíssimo. Foi dos primeiros países a ficar imerso num ambiente de revolução e logo a seguir um regime de cariz autoritário.

Trato de Sèvres (1920) relativo à Turquia: foi desmentido porque houve logo guerra entre a Turquia e a Grécia.

O conceito de **tutela** ou custódia baseava-se no princípio de que um território submetido a uma administração colonial não era o domínio reservado da potência que o controlava, era antes a «responsabilidade sagrada» da comunidade internacional. Não era um conceito novo. Desde o seculo XVIII que os britânicos reivindicavam para si a India com estes argumentos, em que a Grã-Bretanha estava na India pois não eram capazes de se governar.
O que fazer com o vazio de poder da derrocada dos grandes impérios? O conceito de tutela baseava-se no princípio de que um território submetido a uma administração colonial não era o domínio reservado da potência que o controlava, era antes a "responsabilidade" sagrada da comunidade internacional (assumia a responsabilidade).

Mandatos da Sociedade das Nações:

Mandatos do Tipo A: cada um dos territórios será governado de acordo com a orientação de uma potência mandataria pelo Conselho da SDN. A tarefa do mandatário consistia a em desenvolver a capacidade de autogoverno das populações locais e prepara-las para a independência plena, que deveria ocorrer dentro de alguns anos. Mandatários são França (Síria e Líbano), Grã-Bretanha (Palestina e Iraque).

A Inglaterra faz com que um dos grandes clãs governasse o Iraque e foi o único território a sair dos mandatos a sair como Estado Independente. Não era um estado soberano pois havia fortes limitações ao exercício pleno desse conceito por parte das autoridades. A Inglaterra manteve bases militares uma vez declarada a independência.

A França também não conseguiu liderar os países até à independência. O Líbano é muito dividido e sofisticado nas suas elites, extremamente cosmopolita. A França por outro lado apostava no seu império e isto era um projecto.

Mandatos do Tipo B: territórios ainda não preparados para se governaram autonomamente, pela que a sua administração estaria entregue a um mandatário, com uma dupla tarefa: salvaguardar interesses das populações (proteção contra tráfico de escravos, de armas, álcool e estupefacientes; garantir a liberdade religiosa; não estabelecimento de bases militares ou recrutamento de indígenas; criação de condições para o desenvolvimento do comércio livre com outros territórios). Mandatários são França (Camarões, Togo), Grã-Bretanha (Tânganica, Camarões, Togo), Bélgica (Ruanda-Burundi), União Sul-Africana (Sudoeste africano).

A União Sul-Africana tinha pretensões sobre Moçambique; Moçambique falava-se mais inglês que português e a maioria das capitais eram britânicas. Aos Britânicos convinha que Portugal continuasse com as pretensões em Moçambique e desviou as atenções da União Sul-Africana.

Era prestigioso governar territórios por todo o mundo; até Portugal que mandou uma força expedicionária nas colonias e na Europa queria ganhar também territórios coloniais. A reputação sobre Portugal não era melhor face às administrações coloniais.

Mandatos do Tipo C: territórios que só num futuro muito longínquo poderiam aspirar á independência. Administrados ao abrigo de um regime de leasing de 99 anos pelas potencias mandatárias, às quais se comprometiam (casos de povos "bárbaros" que ainda não possuíam escolas nem sistema de educação) a zelar pelos direitos e interesses das populações dentro (…)
Não foram só os países ocidentais que beneficiaram, pois o Japão também beneficiou com Ilhas

Sobressaltos na periferia imperial:

- Revolução egípcia de 1919 (Grã-Bretanha reconhece independência em 1922 mas impõe condições)
- Movimento estudantil de 4 de Maio de 1919 na China em protesto contra reacção tíbia do governo de Pequim às decisões da Confirmação de Paz.
- Massacre de Amritsar 1919 na India que leva a intensificação de contestação nacionalista (Gandhi)
- Guerra da Independência na Irlanda 1919-1921 face à Inglaterra
- Noutros sítios este sentimento de insatisfação face à conferência de Paz, como o caso de Indochina. Há o início de um sentimento antiocidental que vai crescer e vai ser um ingrediente do sentimento anticolonial.

Em 1917 foi um dos anos mais duros; desde 1914 que lutavam. Houve uma desmoralização, pois as pessoas começaram a interrogar-se sobre a guerra e o esforço de guerra, até mesmo em França e em Inglaterra. Em França houve motins no exército, havendo fuzilamentos e julgamentos. No império habsburguês, também havia crise; Em Portugal também se ressentiram com Sidónio Pais e a revolução da batata, com revoltas na capital, havendo uma repressão dura perante as manifestações; a Rússia foi o Estado que mais se ressentiu do ponto de vista interno

Revolução Russa

Atender em primeiro lugar à tradição revolucionária na Rússia e a crise do regime czarista bem como às revoluções de Fevereiro e Outubro de 1917. É o culminar de uma crise do Czarismo e das contradições, dos bloqueios e impasses que já conseguia com reformas. Por outro lado, a Rússia estava a modernizar-se com a industrialização e outros sectores. Há uma discussão sobre se a Rússia poderia ter seguido outro caminho.
A guerra mundial foi a causa precipitante do derrube do regime; ainda assim houve vários sinais, como o assassinato do czar Alexandre (1881).

Fraquezas estruturais do regime czariano:

Alguns historiadores gostam de ver a situação na longa duração.

- Um Estado construído de cima para baixo, de forma coerciva, por um central forte: havia a noção que era necessário um pulso forte para união o grande território.
- Ordens sociais que noutros países formaram embrião da sociedade civil na Rússia eram demasiado débeis: na Rússia não há fenómenos como parlamentos aristocráticos que prepararam o caminho para o liberalismo. Na Rússia a

centralização não deu espaço para que se criasse a sociedade civil. A nobreza desenvolveu uma dependência face à coroa.

- O processo de modernização desenvolvido nos séculos XVII e XVIII exigiu uma vasta mobilização dos recursos nacionais, geralmente conduzida de forma impiedosa do Estado
- Concentração rígida e hierárquica do poder na Coroa torna-se factor de vulnerabilidade do czarismo (em momento s de crise, a autoridade podia designar-se num ápice – se a cabeça fosse atingida o sistema podia cair muito rapidamente; não havia ordens sociais suficientemente fortes para se sentirem implicadas na repercussão do sistema; não havia mecanismos de representação das massas; o Czar afirmava-se, face à legitimidade divina, apoiado pela Igreja ortodoxa, como soberano e funcionava enquanto o sistema conseguisse demonstrar que o poder politico proporcionava segurança e o mínimo de bem-estar.
- Sentimento patriótico das populações do império e frágil (lealdade ao czar fomentada sobretudo pela Igreja ortodoxa; muitas minorias étnicas alienadas)
- Emergência da intelligentsia (classe media) coloca desafio importante ao *status quo* czarista nas últimas décadas do seculo XIX.

A seguir à guerra da Crimeia, o czar aboliu a servidão. Também tinha de se abrir a alguma modernização industrial. Alguns czares investiram, mas para isso era necessário ter cuidado e apostar na educação para a sua formação. As pessoas que frequentavam os estabelecimentos estavam expostas a ideias do exterior, como as ideias francesas revolucionárias como Rousseau por exemplo. Portanto, surge uma intelligentsia. Lenine por exemplo era filho de funcionários ligados à educação. Como o seu irmão estava ligado ao atentado, a família foi deportada. Lenine adquiriu um ódio mortal a partir desta situação familiar. O regime czarista não era um regime que perseguisse os opositores de forma tao opressiva como outros países; no entanto havia uma polícia secreta, o poder é despótico, havia colonias de trabalho. No entanto, o Estado era fraco e os tentáculos não penetravam tao fundo nas esferas. As vítimas do czarismo contam-se cerca de 2mil. Quando se chega ao século XX, conta-se em milhões.

7 de Março

No tempo de Bismarck, Alemanha aliada com a Rússia. Com a morte de Bismarck os tratados não serão renovados pois também a Alemanha apoiava a Áustria (e a Rússia tinha problemas no Balcãs com esta – guerra da Crimeia) e a Rússia vira-se para a França sendo assinada a aliança militar franco-russa em 1896. Um dado a reter é que a França era um país onde a sua população era altamente poupada e a Rússia estava a precisar de investimento externo para desenvolver a sua indústria e economia. Ajudaram-se um ao outro. Outra ideia era que a França sabia não conseguir vencer a Alemanha sozinha e ao mesmo tempo mantinha um sentimento de revénge devido à Guerra Franco-Prussiano em 1871. Caminho-de-ferro transiberiano construído entre 1891 e 1904 ajuda a perceber a grande aposta no desenvolvimento a ser feito na Rússia. Só em 1907 a Rússia poe de lado diferenças com GB e forma aliança com esta. Portanto, embora a Rússia tivesse fricções com a Alemanha e a Áustria, isso não a colocava imediatamente do outro lado da barricada.

Um outro acontecimento importante é a ideia de expansão alimentada pela Rússia na Manchúria e na China e que levou à Guerra Russo-Nipónica em 1905 com o Japão. A Rússia perde, era a primeira vez que uma potência ocidental perdia para com um país considerado menos desenvolvido e não ocidental. Isto levou a tentativa de reforma política que embora sendo encarada como danificadora do poder vigente era vista como necessária para o desenvolvimento da Rússia. No entanto, nesta altura a Rússia começa e entrar num período de sobressalto revolucionário com perda de confiança no regime czarista. Um exemplo disso é a "manifestação de 17 de Outubro de 1905". Só em 1905 é que a Rússia adquire uma Constituição, décadas depois de inclusive países periféricos como Portugal ou até as potências da Santa Aliança (Áustria, Alemanha – da qual a Rússia fez parte). Estas derrotas levam a sair ao de cima uma certa revolta contra o sistema coercivo da Rússia. Alguns conselheiros do Czar dizem-lhe que este tem de renovar a sua legitimação com uma Assembleia Parlamentar eleita e dar voz aos seus súbditos. Mas também havia aqueles que deviam que o errado era ir por esse caminho, não se devia fazer reformas nem dar abébias, dá-se a mão e querem o braço.
As reformas de 1905/1906 são a síntese de uma ideia dos elementos mais europeístas (pequena parcela da população mais instruída – exercito, funcionários públicos – que tinham acesso a obras estrangeiras e contacto com as ideias exteriores) e que acabam por não satisfazer ninguém. Fez-se concessões e portanto nem o lado que não queria mexer nas coisas ficou desiludido e quem queria mexer achou que não se fez o suficiente. Achavam que era uma maneira que o regime procurava de se reinventar mas que não servia para nada e que não fariam parte disso. Não seriam "idiotas úteis" a ajudar este regime czarista moribundo e corrupto. O sufrágio que foi estabelecido para eleger Assembleia Parlamentar (Duma), restringia a participação a uma elite bastante reduzida. Essas leis mesmo assim ainda estavam em grande parte em vigência em muitos países europeus como Portugal.

Para muitos revolucionários na Rússia para haver reforma do regime incluía reforma agrária no entanto grande parte das terras estava na mão da Coroa. Rússia embarca em processo de reformas com a Duma Estatal presidida pelo Czar (era um modelo constitucional bastante conservador pois a Duma era responsável perante o Czar). E havia também uma certa desilusão porque a ideia que prevalece é que isto é uma manobra de diversão para fazer parecer que algo está a mudar quando na realidade nada mudava. Figuras como Lenine nunca tiveram muito a ideia de usar esta abertura do regime. Foi perseguido não Rússia e acabou a viver grande parte da sua vida no estrangeiro acabando a estabelecer-se na Suíça. Analisou proletariado e sindicalismo neste países que viajou e achou que os sindicatos nestes países estavam num estado deplorável. Estes sindicatos acabam a fazer parte do sistema capitalista pois só sabiam era fazer acordos e concessões sem a base revolucionária. Era preciso quebrar o conformismo das massas ao educa-las. Trabalhadores deviam ser levados a confiar numa liderança esclarecida sincronizadas com a causa do trabalhadores e não faziam mais nada senão preparar a revolução estudando as situações ocorrentes.

Vladimir Ilych Lenine, *Que Fazer?* (1902)

- Define partido revolucionário como corpo de activistas profissionais
- Papel de vanguarda do partido
- Importância da centralização, disciplina, lealdade, coesão ideológica, secretismo

- Pureza doutrinária pode exigir depurações

Sobre o livro: Para Lenine, aparentemente o capitalismo tinha sobrevivido bem à crise de 1890 e que estava aqui para durar. Não podia haver concessões nem diminuição de esforços pois isso era o balão de ar do capitalismo. O seu livro será fulcral para a teoria revolucionária moderna. Só se podia escolher pessoas completamente dedicadas. Não se podia vacilar, quem o fazia seria expulso. Revolução não é para todos, mas sim para uma elite, quem desse provas de ser capaz de se dedicar completamente à revolução. Num país com as características sociais da Rússia no início do seculo XX não lhe permitiu crescer sendo muito mal conhecido no início da 1ª guerra mundial. Quase inexpressivo no campo e mesmo nas cidades tinha inimigos pois ao tentar chegar às massas tinha de passar pelos sindicatos que tanto criticava já para não falar que o proletariado no Rússia era ainda uma parcela pequena. Uma Rússia rural era tudo o que Lenine não queria sendo que acabou a ter de fazer algumas concessões no futuro.

O erro fatal do regime czarista foi deixar-se envolver-se na 1ª Grande Guerra tendo em conta que nenhum interesse vital da Rússia estava em causa. Entrou porque apoiou a Sérvia (para proteger alguns interesses nos Balcãs) e devido à sua aliança com a França. A guerra mostrou que a Rússia não obstante de alguns desenvolvimentos que tinha feito recentemente estava ainda muito longe de estar próximas de outros países europeus e não tinha capacidade industrial para manter guerra prolongada. Comunicações e reforços por parte de GB e França estava fechada e a falta de boas vias de comunicação e de abastecimento de tropas e das cidades era também insuficiente sendo, portanto, a ideia – muito tempo aguentou ela.

Surgem novamente os Sovietes (já com alguma expressão em 1905) em Petrogrado e eram eles os depositários da legitimação revolucionária. Temos então uma altura de poder dual que toma conta da Rússia desde Fevereiro de 1917. Depois é eleito governo provisório que responde perante Sovietes e Duma criando situação extremamente instável. Czar abdica a favor de outro elemento da família sendo nesta altura que a monarquia entra num vazio de poder completo. Nesta altura surge divisão no poder revolucionário – devia a Rússia manter-se na guerra e honrar os seus compromissos ou sair da guerra, proteger os seus interesses e fazer paz separada com a Alemanha. Surge Alexandre Kerensky, Menchevique e líder do Governo Provisório. Era alguém que tendo emergido das fileiras do movimento revolucionário russo era extremamente ambicioso, aspirando a uma situação estilo Bonapartista, ou seja, a sua grande ideia era que agora é que os soldados russos combaterão com animo pois agora combatem por um poder diferente. Vão assumir-se como cidadãos de um estado russo que se preocupa com eles tal como a frança de 1792 em que os soldados franceses derrotam soldados estrangeiros contra grandes hipóteses. Estratégia girondina de legitimação através de grande vitória militar e que isso o tornaria como líder indiscutível da Rússia. Mas a sua manobra falha. Soldados russos não interpretam mudança de poder como algo de diferente. Continuavam a não se sentir representados. Soldados com um conhecimento muito limitado da revolução francesa não conseguiam perceber porque lhes era pedido para continuarem a lutar por um novo poder. Começa a haver as primeiras deserções em que os soldados regressam às suas terras. A ofensiva de Junho falha clamorosamente e as coisas ficam más para Kerensky e o governo provisório. É aqui que entra Lenine que percebe

o que pode tornar popular o seu movimento. Teses de Abril onde faz caracterização da actual situação na Rússia e cria a ideia "Paz, terra e pão" (saída imediata da guerra, dar terra aos camponeses numa reforma agrária, continuar fornecimentos de comida às cidades). A certa altura Lenine é preso e passa tempo na Finlândia e passa um bocado de desalento pensando que Kerensky podia ganhar. Tentou até fabricar um golpe militar pela parte de um general e depois Lenine apareceria e deitar abaixo o golpe surgindo como o verdadeiro poder. Kerensky acaba a se aliar a este general o que deixa os bolcheviques como o verdadeiro movimento capaz de tomar o poder Alguma divergência entre Trotsky e Lenine, mas não impede que se torne estratega do movimento. Culmina no assalto ao palácio de inverno em Outubro de 1917. Este assalto é para a esquerda revolucionária o mesmo que a tomada da bastilha para os liberais da revolução francesa. Ideia de legitimação e de grande apoio popular e de que embora o partido tenha liderado as gentes elas tinham participado voluntariamente no assalto (Outubro como uma revolução de massas). Trotsky já no exílio escreve alguns números que baralham um bocado esta perspectivas.

12 de Março

Em 1917 temos os bolcheviques bem implantados em Moscovo e S. Petersburgo e o resto do país estava um pouco entregue a si próprio. Algumas regiões permaneciam leais ao antigo regime aguardando algum factor da resistência. Algumas potências ocidentais tinham também o objectivo de prejudicar a governação Bolchevique. Sampetersburgo estava na eminência de cair perante o avanço Alemão.

Uma das primeiras medidas do Bolcheviques foi introduzir um regulamento no exército introduzindo a democraticidade que funcionava para os sovietes. Isto era muito difícil, a cadeira hierárquica de comando saiu ferida, a generalidade dos soldados interpretaram isto como uma ordem de desmobilização. Era nos centros urbanos que os bolcheviques comandavam algum apoio.

As negociações de Brest-Litovski vão culminar na paz que se traduziu em enormes perdas territoriais para a Rússia. Toda a Ucrânia, a Cáucaso etc. tornaram-se autónomos, mas continuavam economicamente dependentes da Rússia. Isto era um retrocesso enorme para a Rússia e isto era um início pouco prestigioso para o novo poder.

Trotsky pensava reativar uma espécie de guerrilha contra os alemães, mas percebeu que isso era impossível. Teve que aceitar os termos que o estado-maior alemão lhe impos. Os bolcheviques ainda não tinham perdido a esperança porque consideravam que também a Alemanha e os seus operários poderiam contribuir para a queda do regime imperial alemão e contagiar-se com a revolução. Lenine encontrava-se um pouco séptico com este acontecimento.

Era necessário chegar a uma situação de normalidade e resolver os problemas de abastecimento à cidade se fossem resolvendo. O regime pretendia garantir a sua legitimidade através do cumprimento das promessas que tinham sido feitas – realização de eleições para a assembleia constituinte. Estas eleições vão ter lugar no final do ano de 1917. Os próprios bolcheviques não tinham grande controlo sobre os procedimentos do acto eleitoral. O resultado eleitoral foi significativo

e os bolcheviques não tiveram mais de 25% dos sufrágios e a força mais votada foi os socialistas radicais de esquerda, mais ligado à ruralidade e que queria empreender uma grande reforma agrária. Os bolcheviques eram completamente contrários, a Rússia não se podia tornar uma grande região camponesa e pretendiam muito mais uma visão modernizante. Os bolcheviques tinham essencialmente sido votados por indivíduos do meio urbano, isto demonstra que era um partido bem implementado nas cidades.

Quando a assembleia constituinte reúne na Duma é imediatamente dissolvida. Lenine preconizava uma síntese entre duas versões que se podem associar a Marx. Seria um estado comunal, através da ditadura do proletariado, que seria um processo bastante gradual e controlado. Seria uma visão mais marxista com a outra visão (luta de classes). Isto significava que Lenine estava a aceitar as bases e aceitar algum grau de envolvimento dos trabalhadores. Lenine, porém, era muito desconfiado em relação aos trabalhadores e sindicatos. Estava disposto a aceitar este género de compromissos. Os bolcheviques a dada altura foram vistos como a única força coesa para manter a unidade do antigo império russo captando a lealdade de algumas pessoas ligadas ao regime czarista. Lenine com a ideia de não dissolver o estado terá persuadido algumas pessoas.

Trotsky começa a organizar o exército vermelho. Para que a revolução tivesse uma força militar capaz de repelir os ataques dos seus inimigos teria que recorrer aos princípios que tinha repugnado – a hierarquia no exército. Os bolcheviques eram grandes leitores dos livros de história da revolução francesa e, portanto, sabiam que um dos trunfos da frança republicana foi a introdução de princípios de ascensão através do mérito. O exército vermelho tornou-se uma importante arma de propaganda e tinham um papel fundamental de educação de massas, era uma instituição apelativa para as famílias que quisessem dar alguma educação aos seus filhos. Tinha um grande prestígio entre a população na Rússia. Trotsky vai torna-se o número dois da revolução a seguir a Lenine e tem um papel muito importante na guerra civil de 1917-1923.

A construção da sociedade socialista. A sua construção inicia-se com a nacionalização progressiva e sem qualquer indemnização da grande propriedade fundiária e com a colocação de grandes empresas sobre o controlo operário. Era o tempo dos decretos revolucionários. Em consequência, eclode uma guerra civil em que as forças revolucionárias, o exército vermelho, se confrontam com as forças conservadoras, o exército branco.

A Guerra Civil e as intervenções estrangeiras

O exército branco era composto pelos grandes proprietários e antigos dirigentes políticos que reagem ao processo de nacionalizações, apoiados pelo capitalismo internacional, receoso da propagação da onda revolucionária.

Nesta fase de guerra civil o poder revolucionário implanta o comunismo de guerra, uma política feroz de ditadura. Neste momento consolidou-se um regime de partido único e suprimiram-se outras organizações partidárias. Todos os recursos

económicos foram directamente canalizados para a guerra e institui-se um sistema policial perseguidor e repressivo contra os inimigos da revolução.

Começou em 1917, foi uma guerra de grande desgaste que tocou várias regiões do país. A experiência do comunismo de guerra é possível de visualizar através de cartazes (ideal revolucionário de preponderante do exercito vermelho). O comunismo de guerra acabou por se estruturante relativamente à evolução da revolução, significou a militarização da cultura bolchevista à governação. Numa primeira fase percebem que tem que adotar algumas medidas de alguns europeus na 1.ª Guerra Mundial (nacionalização da indústria, regras de disciplina laboral, aplicação de pena de morte aos grevistas, distribuição dos excedentes pela restante população, legalização d a iniciativa privada).

As consequências do comunismo de guerra foram de várias ordens:

- O conceito de luta de classes acaba por se encontrar operável. Relativamente aqueles camponeses tinham excedente. Regime tentou transportar a luta de classes para o campo
- Êxodo da cidade para o campo – isto era preocupante para os bolcheviques.
- Colapso da moeda e generalização de trocas directas.
- Queda da produção industrial.
- Salários pagos em géneros.
- perturbações nos transportes.
- Fome e mortes.

Isto inevitavelmente conduziu a situações de revolta. O sinal de alarme para Lenine foi a revolta dos marinheiros do báltico, um força que se destacou em outras revoluções, o regime estava seriamente desprotegido face a uma contra revolução.

Recorreram a métodos de terror para fazer face aos seus adversários. Os bolcheviques foram capazes de ser «inovadores» e astutos ao ponto de aproveitarem engrenagens czaristas. Aproveita-se para constituir a CHEKA/Gretu/KGB, embrião do qual o regime nunca vai dispensar.

O terror vermelho coincide com quase todo o período da guerra civil. Para se criar um homem novo era necessário depurar e exterminar os inimigos de classe e os revolucionários da revolução. As greves passaram a ser proibidas e o terror e as execuções em massa banalizaram-se. Existiam cotas de pessoas para executar, estes procedimentos foram utilizados noutros regimes. Os indivíduos eram executados de uma maneira aleatória.
Foi um processo de cima para baixo e de baixo para cima, o terror abre a possibilidade de ajusto de conta e foi manipulado por indivíduos que não estavam no topo da cadeira de comando. Da democracia dos sovietes ao centralismo democrático.

A NEP e o «recuo estratégico» de Lenine

Os bolcheviques venceram a contra-revolução branca. Em 1820 a Rússia era um país economicamente arruinado. O sistema produtivo apresentava níveis inferiores aos de 1913, numa conjuntura política que mantinha o país isolado do Ocidente capitalista. A miséria e a fome colocavam em perigo a revolução.

Com uma pragmática, Lenine colocou m pratica um programa económico que procurava repor os níveis de produtividade que garantissem a subsistência – A Nova Politica Económica (NEP).

Com a NEP o governo recuava no processo de nacionalizações e aceitava iniciativa privada mantendo apenas nacionalizados os principais sectores da economia. Era então possível o sector privado agrícola, industrial e comercial intervir no mercado com alguma liberdade. Lenine empreendia um recuo que ele próprio considerava «estratégico». Durante algum tempo as cedências ao capitalismo poderiam ajudar a consolidar a revolução. Em 1927 a pequena e média burguesia dos negócios (Nepmen) e os pequenos proprietários rurais (Kulaks) acabaram por repor e até ultrapassar os níveis de produtividades anteriores à guerra.

Era um sistema de economia mista para responder à deterioração económica. O controlo dos bancos mantinham-se nas mãos do estado, mas tentavam-se reatar as relações com o exterior. Os aliados acabaram por aceitar este processo. Vão-se estabelecendo relações com a república de Vaimar. Alguma iniciativa privada, os sindicatos podiam funcionar independentemente. Os camponeses poderiam produzir para o mercado e a produção agrária aumentou bastante. O governo contratou especialistas para várias áreas importantes (Economistas). Alguma abertura ao investimento estrangeiro. Isto parecia conduzir a Rússia para a uma situação de social-democracia. Ainda assim não se vive ainda o terror estalinista e ainda se poderia ter alguma opinião e expressão. Todas estas medidas vão permitir que a imagem dos bolcheviques no exterior melhore consideravelmente.

- Sistema de economia mesita para responder à deterioração das condições económicas
- O estado retém o controlo de bancos comércio externo e principais indústrias
- Diplomacia económica reactivada aproximação da Alemanha de Weimar.
- Pequenas empresas de máximo de 20 trabalhadores permitidos.
- Sindicatos autorizados a funcionar como organizações cívicas independentes.
- Ideias de colectivização agrária posta de lado; camponeses têm liberdade para produzir para o mercado pagando impostos em géneros o que leva ao aumento da produção

Falecido em 1924 Lenine acabou por não assistir aos resultados da sua política.

14 de Março

Estaline e o totalitarismo soviético

As repercussões mundiais do Comunismo soviético

Lenine nesta fase já estava mesmo à beira do seu falecimento. Acaba por morrer e abre-se um processo complicado de sucessão política. Dos vários candidatos aquele que permaneceu foi Lenine. Porque que Estaline sucedeu a Lenine?

Estaline contrastava toda a linha com o outro candidato LeoTrosky. Gostava de cultivar a imagem de «jogador de equipa» que se subordinava à vontade geral. Não era visto como alguém que personifica-se o nacionalismo russo que era perigoso para a Rússia dos vários nacionalismos.

- Malogro da estratégia Trotskyana da "redução permanente".
- Ausência de pluralismo interno no partido Bolchevique reforçada no XI Congresso de 1922 (legislação das facções, reforço do centralismo democrático) – votava-se em determinadas pessoas e a partir do momento em que a votação estivesse consuma aquela passava a ser a linha oficial.
- Opção pela "construção do socialismo num só pais reforça peso do aparelho burocrático onde Estaline Conquistara posições influentes
- Factor personalidade beneficia Estaline (modesto, georgiano e não judeu) - Trotsky era o contrário de Estaline, era alguém que não era modesto, tinha gosto pela discussão

Por volta de 1921/1922, os objectivos da revolução estavam comprometidos. Não havia grandes perspectivas de desalojar as forças burguesas democratas. Trotsky somou a derrota na polonia que assinalava o malogro da estratégia. Estaline era muito mais ligado ao aparelho burocrático, estava presente em todos eles e construiu uma rede clientelar importante. Na altura de contagem no congresso ele era muito bem posicionado do ponto de vista burocrático para suceder a Lenine. Muitos testemunhos apontam a Estaline muitas características positivas que lhe permitiram consolidar a sua rede clientelar, sabia utilizar meios de patronato pessoal num ambiente de grande dificuldade e privação os pequenos privilégios podiam ser bastante bem vistos nesta fase inicial para consolidar o seu poder. Trotsky acabou por ter que abandonar a união soviética

Estaline acabou por se objecto de culto da personalidade que já se verifica desde o tempo de Lenine. O estado vai-se modernizando assim como o aparato à personalidade do chefe de estado. Cultivava a imagem de ser um homem burocrático sempre com o seu uniforme, semi-militarizado.

Quando falamos de Estaline falamos de um segundo folgo da revolução em diversas áreas:

- Colectivização agrária -Era indissociável da colectivização agrária. Durante o período da NEP a comercialização no âmbito da agricultura era mais liberal como o campesinato estava habituado a isso para modificar o regime era necessário empurra-los para um horizonte urbano e industrial. A solução foi a expropriação de terras e o enquadramento do campesinato em Kolkhoz, uma grande propriedade agrária colectiva. Estes deveriam substituir as pequenas propriedades portuguesas. A resistência do campesinato foi muito forte contra a colectivização, e isto era nítido em cercas regiões onde se tinha sentido a maior liberdade.

Por volta de 1940, 90% da terra agrária estava colectivizada. A espinha dorsal da Rússia rural foi quebrada. Desapareceram cerca de 11 milhões de pessoas nas áreas rurais nesta época de colectivização agrária. Em décadas anteriores a Rússia tinha sido uma grande exportadora de cereais. Até ao fim do regime a Rússia vai ser um país com problemas crónicos de auto-subsistência.

O racionamento agrário chegou ao fim por volta de 1934/1935, e as pessoas tinham novos motivos para encarar o futuro, todavia, isto não durou muito. Este género de regime precisa de uma tensão permanente:

- Industrialização intensiva – sem industrialização, a Rússia não conseguia competir com as restantes potências europeias e sair vitoriosa nalgum confronto internacional.
- Planos quinquenais – a NEP é desmantelada e introduzem-se os planos quinquenais

1.º plano: 1929 – Bens de capital, aço, ferro e maquinaria pesada. Mas desde cedo percebeu-se a dificuldade de alcançar os objectivos e metas. Os ritmos de produção eram impiedosos porque o número de horas de trabalho era muito elevado, os operários não podiam fazer greves porque eram actos de sabotagem económica. Ao fim de 10 anos os indicadores de industrialização eram notáveis. Em 1941 estava bem preparada quando se deu o ataque da Alemanha. A verdade é que a União Soviética se industrializou e isso foi altamente explorado pela propaganda soviética, isto provocou um grande espanto para quem conhecia a Rússia agrária. A industrialização e modernização eram objectivos muito nítidos.

- Grande repressão: nada disto foi possível sem uma boa dose repressiva. A resistência agrária foi a que causou maiores tensões. Nalguns casos o regime teve que impor fomes e crises artificiais de resistência em regiões inteiras. As vítimas na Ucrânia eram bastante elevadas.
- Grandes Purgas: 1936-1939

O pretexto aconteceu em 1934 com o assassinato de um membro do partido, um Estalinista feroz. E há muitos estudiosos que consideram que isto teria sido uma estratégia de Estaline. Para isso iniciou um sistema de purgas contra os membros opositores do regime. Foram supervisionadas pelo próprio Estaline que chegou a estabelecer cotas específicas. Algumas vítimas das purgas confessavam crimes que nunca tinham cometido.
Alvos primordiais: Liderança do PCUS, altos responsáveis governamentais, chefias militares.
Outros sectores afectados: intelligentsia, profissionais liberais "Kulaks" membros de minorias étnicas.
Acusações: espionagem, sabotagem, conspiração para tomar o poder
Estimativa de mortos: 600 mil - 12 milhões; há um grande desacordo entre os historiadores

21 de Março

A crise de entre-as-guerras

A crise da democracia liberal

Os fascismos europeus: uma tipologia

Os fascismos na europa

Em França houve o caso de Vichy. Mantém-se no campo democrático até 1940 podia ter também sucumbido mais cedo a esta vaga autoritária. É a questão da guerra que se pode ver como decisiva.
No caso alemão Hitler nunca teve uma maioria absoluta, embora tenha sido o mais votado, mas por si não tinha condições de formar o governo. Quando é chamado ao governo já tinha retrocedido em termos eleitorais, isso quer dizer que os eleitores estavam longe de ser insensíveis para a questão económica. Se tivesse havido uma retoma económica é possível que Hitler não tivesse chegado ao poder. Ele foi convidado pelas elites alemãs para formar governo numa conjuntura de forte desemprego.

As sequelas da Grande Guerra

- Devastação material e económica torna difícil o "regresso à normalidade".
- Estados sucessores dos impérios derrubados partem de uma posição precária para levar por diante o "nation-building" (expandir serviços públicos, edificar infra estruturas destruídas, responder às expectativas dos eleitorados) – olhando para o mapa político da europa, sofrera alterações e estava repleto de novos Estados mas que tendo quase todos eles constituições democráticas revelaram se vulneráveis a uma crise, estavam endividados e acabaram por ser vítimas do nacionalismo económico que quase todos adoptaram. A europa central e oriental constituía zonas de livre troca, as pessoas circulavam livremente e agora tudo era complicado com controlos alfandegários e policiais, questões fronteiriças mal resolvidos, olhavam para os vizinhos com desconfiança. Falou-se de desarmamento no pós-guerra mas aconteceu o oposto. As minorias étnicas
- Situação gerada pelas reparações e dívidas de guerra propícia ocorrência de crises financeiras e surtos inflacionistas.
- Insegurança das classes médias (medo da "proletarização"), da perda de estatuto social induzido pela crise económica.
- Ressentimento contra a Paz de Versalhes ("paz dos vencedores").
- Valores do nacionalismo e do militarismo impregnam a cultura politica e mentalidades europeias (muitos desmobilizados não conseguem encontrar empregos) – a guerra foi uma experiência traumática mas muitos regressaram das trincheiras e sentiam-se superiores aos patriotas e tinham a expectativa de terem um tratamento especial; o Estado também alimentou essa esperança. Tinham sido recrutados nos meios sociais humildes e uns dos objectivos dos governos era proporcionar habitações, o que em alguns governos isso foi realizado. Outros governos não tinham uma situação financeira possível de isso ocorrer. Os combatentes eram jovens e viam que não podiam ter acesso à participação na política, alguns partidos viam-nos como forças de choque que ainda estavam armados. Houve muitos chefes comunistas alemães foram mortos. Foram usados para fazer a repressão na sociedade. Sidónio Pais prometeu o sufrágio masculino.
- Desavenças políticas e confrontos sociais tendem a assumir expressão violenta (politica vista como a continuação da guerra por outros meios).
- Desmobilização de ex-combatentes é acompanhada de ressentimentos geracionais.

A Hungria foi o primeiro país a reclamar-se com uma revolução Bolchevique. Tentou-se abrir caminho mas foi mal recebido. Horthy acabou por presidir a um regime que durou até à 2.ª Guerra Mundial.

Espanha não entrou na I Guerra Mundial mas foi palco de serie de confrontos sociais tinha zonas industrializadas mas também era ainda um país muito agrário. As forças espanholas acabaram por ser afectas a um regime ditatorial.

A Alemanha acabou por ser o grande palco hipercentro da crise financeira. Um dos sintomas mais emblemáticos da crise foi a hiperinflacção. Estavam interessados em pagar a sua divida e as reparações que o tratado de Versalhes lhes impusera. Existia um carrossel de dívidas e reparações em que os Estados Unidos da América eram o vértice maior do triângulo. A crise do crédito nos Estados Unidos da América foi culminar. Foi no rescaldo da grande depressão que surgiu a I lei para estabelecer regras sobre a colectagem. A resposta à crise teve este lado indispensável (corrigir o mercado) houve também um reflexo que aprofundou mais a crise, as medidas protecionistas. Estas conduziram uma enorme retracção das trocas comerciais entre os principais países. O desemprego na Alemanha era bastante elevado na ordem dos 20-40. Há uma associação entre a crise financeira e económica e a ascensão do nacional-socialismo. Toda a crise marcou profundamente uma geração e acabou por se alastrar para a cultura política da época.

Brian procurou fazer um plano federalista para a Europa, mostrado na Sociedade das Nações, mas os europeus não estavam preparados para isso. Foi preciso uma segunda guerra para perceber que não podia haver desleixo.

Crise da cultura burguesa liberal

É uma crise de ordem mais civilizacional, abalada pela guerra e patologias nacionais.

A ideia do progresso e da ciência é posta em causa.

Certezas do racionalismo e positivismo (determinismo científico e ideias de progresso) postas em causa.

Culto da acção ("viver perigosamente").

Niilismo filosófico (apropriação de Nietzsche por extremistas de direita na Alemanha); rejeição da democracia, moral crista agostiniana ("auto-repressiva") e elogio da auto-expressão, mesmo que por meios violentos.

Apologia da emoção, dos instintos primordiais, do inconsciente (influencia difusa de Bergson, Freud).

Teoria aristocrática das elites desdenha a democracia de massas e parlamentarismo e preconiza governos "capacitados".

Nacionalismo ganha contornos mais chauvinistas e, nalguns casos, raciais e anti-semitas – disseminado em vários países europeus.

Exaltação dos valores da ordem, obediência, hierarquia (só através de uma autoridade forte é que as relações orgânicas e a identidade do grupo que conseguiram afirmar).

2 de Abril

Crise da democracia – mas que democracia?

Paradoxo das nossas constituições do pós-guerra fazem a apologia do liberalismo, mas muitas operam o regresso à tradição jacobina da concentração do poder no parlamento.

O poder executivo era rigorosamente vigiado pelo legislativo, mas os governos não tinham meios para satisfazer as aspirações típicas de uma sociedade de massas (protecção social, serviços públicos, habitações).

O dilema clássico das democracias – a tensão entre a autoridade e a liberdade – ficou sem resposta satisfatória em muitos casos. - Muitas das constituições tinham a apologia do liberalismo, governadas de impérios dinásticos, de feição mais ou menos autocrática, mas que envergaram por um poder centrado mais no governo. Havia outro problema que era não conseguirem satisfazer as massas que se começaram a interessar pela política. Por consequência, tinham também a necessidade de se sentirem representados, principalmente os mais novos.

Crise de representatividade dos partidos políticos (muitos mantem o figurino oligárquico fechado do anto-bellum) leva à identificação da democracia com a "política dos interesses" e a uma revolta geracional – não reflectia os ideais do povo, dai uma revolta geracional; há um esvaziamento do centro politica e um crescimento dos partidos mais de extremos que canalizam o desespero social

As democracias que resistem de pé são aquelas onde as tradições parlamentares estavam mais enraizadas e onde os governos dão uma resposta mais robusta à crise social.

A partir do momento em que a Alemanha se ressurge, Estaline fica apreensivo com a situação. Os fascismos seriam considerados os inimigos nº1.

Foi na Itália que a experiencia fascista se iniciou. O fascismo enquanto movimento deu-se na Alemanha e na Itália. Por outro lado, há outra interpretação do fascismo de forma mais lacta.

Mussolini acabou por ser quase convidado pelos representantes da oligarquia italiana; o mesmo aconteceu com Hitler, pois este nunca teve a maioria dos votos. Há um apoio dado pelas elites alemãs que desejavam a ordem e a estabilidade.

Descrição tipológica do fascismo
(adaptado de S. Payne, A History of fascismo, 1995)

A ideologia e objectivos:

- Filosofia idealista, vitalista e voluntarista visando a construção de uma nova cultura moderna e secular.
- Criação de um estado autoritário.
- Organização de uma economia altamente regulada, multiclassista, integrada de tipo corporativo, nacional-socialistas ou nacional-sindicalista.
- Exaltação da violência e guerra.
- Imperialismo expansionista.

Negações:

- Anti-iberismo.
- Antiparlamentarismo.
- Anticomunismo.
- Anticonservadorismo, embora admitindo alianças temporárias com sectores da direita conservadora

Mussolini queria modernizar a Itália e *queria fazer chegar os comboios a horas.* Não queria ver a sua Itália de forma camponesa, atrasada. Houve um conflito entre Mussolini e a Igreja, resolvido temporariamente nos acordos de Latrão. Quando Mussolini apareceu, houve inclusive uma parte da Igreja que o apoiou.

Estilo e Organização:

- Mobilização de massas através de organizações de tipo partidário.
- Ênfase na dimensão estética das reuniões, símbolos, liturgia politica, sublinhando aspectos emocionais e místicos.
- Enfase no princípio da dominação masculina.
- Culto da juventude e acentuar do conflito entre gerações como catalisador do mudança política.
- Apologia da liderança personalizada de tipo carismática encontrada praticamente em todos os regimes fascistas.
- Autoritarismos no entre-guerras.
- Componente militar (forças armadas na origem do regime e seu grande.
- Hibridismo constitucional (tem traços do liberalismo com elementos típicos do fascismo, ou seja, gostava de evocar certas formas que tinham sido introduzidas na politica europeia nas revoluções liberais; não deitaram fora totalmente todas as ideias do liberalismo).
- Cultivam atitudes diferentes face ao status quo internacional (acomodamento revisionismo) mas sempre imbuídos de postura nacionalista. Uns apostavam no status quo, outros apostava numa revisão do sistema, sempre imbuídos de uma postura nacionalista. A Polónia era um país que acabou por claudicar à ditadura militar e que tinha beneficiado dos arranjos territoriais que os lideres democráticos patrocinaram em 1919. Estava interessada no status quo, mesmo com uma ditadura. O mesmo se passou em Itália. A Grécia que enveredou pela via autoritária, tinha interesse na manutenção do tratado de fronteiras que herdou no fim da 1.ª Grande Guerra. O mesmo não acontece com a Hungria que tinha sido muito penalizada com o Tratado de Versalhes.
- Desprezo pelo parlamentarismo princípio da separação de poderes e Estado de Direito (Oliveira Salazar falava mal das democracias e só depois da 2.ª Guerra Mundial introduz na sua retórica Portugal como uma democracia, prometendo eleições "tão livres como as de Inglaterra".
- Preferência por formas de representação corporativa, hostilidade às instituições que exprimiam a ideia de um antagonismo de classes (como os sindicalistas independentes ou os partidos políticos tradicionais).
-Rejeição da sociedade individualista preferência por concepções hostis ou organistas.
- Procura de uma corporação estreita com as igrejas ou tentativa de as subordinar.
- Aparato repressivo extenso (policias políticas, censura, campos de detenção (exemplo do Tarrafal).
- Princípio da chefia carismática.

9 de Abril

Crise de Weimar e Ascensão do Nazismo: hipóteses de interpretação

- Hitler e o nazismo camo uma "criação" do capitalismo alemão (apoio das classes capitalistas e possidentes,– não tanto para defenderem "propriedade" mas movidos pela "ânsia de lucro", ou seja, contenção de reivindicações das classes trabalhadoras e regalias sociais que governos de Weimar proporcionará)? Kershaw um dos principais biógrafos de Hitler.

- Resultou de uma peculiaridade do desenvolvimento histórico alemão, um *Sonderweg?* (uma unificação nacional sem "revolução burguesa" e predomínio de elites de "antigo regime"; hegemonia dos valores semi-autoritários e militaristas das elites do *Kaiserreich*; uma identidade menos estatal e mais "étnica", resultante do facto de 20 milhões de alemães terem ficado excluídos da Alemanha unificada em 1871).
- Ou foi uma "crise política do Estado alemão", agravada pelos efeitos traumáticos da 1.ª Guerra Mundial, a crise económica do pós-guerra (hiperinflação, desemprego de massas, insegurança das classes médias, banalização da violência) e uma "modernidade" difícil de assimilar pelos segmentos mais conservadores.

Muitas das elites nas crise de 1932/1933 preferiam que se tivesse desenrolado um quadro mais conservador e tradicional, uma outra solução menos radical teria sido preferida, e se fizermos uma analise fria da conduta de Hitler enquanto chanceler, verificamos que ele não levou em consideração muitos avisos destas elites alemãs de que ele não estava preparado para algo desta magnitude. Preferiam outro tipo de\politica externa, não aquele projecto de expansão imperialistas que muitos julgavam impossível de concretizar. Portanto esta criação do capitalismo alemão começou a ser questionada.

Nazismo como o resultado de uma peculiaridade do caminho alemão, é a tentativa de explicar a divergência alemã de um caminho mais comum do capitalismo ocidental europeu. Estamos a falar de um país que se unifica em 1891, muito tardia relativamente a outros estados europeus, e quando chegaram à era das massas esse processo já estava no seu auge. Desde logo a Alemanha foi bonificada pela via militar "pelo sangue e pelo ferro". A unificação alemã foi realizada pela Prússia, um estado pouco peculiar pois procurava conciliar pretensões de desenvolvimento indústrial capitalista, mas onde existia um predomínio de uma classe especifica qie eram a espinha dorsal do Estado prussiano, de onde o monarca recrutava tudo. Eram uma classe ultraconservador, mentalidade muito Antigo Regime, grande influência no 2.º Reich alemão. Temos uma Alemanha unificada por uma burguesia fraca, que não foi capaz de demostrar a aristocracia e conquistar um lugar para a sua visão do mundo, uma classe média que procurava. Também é circunstância desta Alemanha unificada ter deixa de fora 20 milhões de alemães, que é considerado em 1870 o modelo da pequena Alemanha, a unificação devia fundamentalmente coincidir com uma certa tradição germânica, de prosseguir um contorno étnico. A Alemanha tinha de pressionar para a desagregação do Império Austro-Húngaro, isto para o Reich alemão não fazia sentido.
Nisto, há alemães que estão desprotegidos, que não vivem por baixo da proteção do Reich, eles estão sub-representados no Partido Nacional Socialista, aqueles que pertenciam às zonas fronteiriças como a Áustria e na zona dos Sudetas (Checoslováquia) e em certas zonas da Polónia. O sistema partidário de Weimar era ainda o que tinha sido negado pela 2.º Reich destruído em 1918, e continua a exercer a sua influência em vários domínios.

A ideia de os historiógrafos é que não houve nada de relativamente alemão neste projecto. Estes elementos pré-modernos desfrutaram de enorme influência nos vários estados.

Os efeitos da 1.ª Guerra Mundial tiveram um efeito devastador na Alemanha, criou uma brutalização da política alemã, uma propensão para tudo resolver pela via da violência. Há que ver a crise entre as guerras como um grande agravamento de Estado alemão, bem como o contexto da crise económica, de verificar como os sectores mais conservadores assimilaram a modernidade. A sociedade de Weimar era muito moralista, da cultura, e os nazis reagem muito contra isto. A crise de Weimar não tem uma história muito linear, houve momentos nos quais pareceu que Weimar conseguiria se consolidar, por exemplo graças a um plano de restruturação financeira, onde o regime consegui ganhar algum folego, e é nesta altura que as facções nazis obtêm votos mais modestos. Nesta época de 1924 e 1929 o regime de Weimar passou pela concessão de direitos civis às mulher e um conjunto de medidas de providencia social razoavelmente generosas (ao nível da habitação social, como a Bauhaus). Há um nascimento de cultura de massas moderna, urbana e cosmopolita, de vanguarda e ruptura com os cânones da tradição. É um regime muito associado a uma cultura decadentista, como o cabaret e maior liberada para a mulher, e isto causou muito incómodo nas classes mais conservadoras.

Os partidos que podiam ter selado fileiras contra as forças extremistas e oriteger o regime de Weimar tiveram demasiadas divergências para o fazer. Muitos dos de centro esquerda de Weimar acabaram por se aliar ao Partido Comunista Alemão, ou seguiram medidas de austeridade muito restritivas para certos sectores, e fizeram mais concessões ao patronato alemão do que teria sido mais desejável se tivessem querido conquistar as classes trabalhadoras. Nunca tive resultados eleitorais superiores a 30%. O Partido Comunista Alemão muito aliado ao Komitern, e isto enfraqueceu as possibilidades do partido fazerem face às forças extremistas.

Também o agudizar da crise económica, especialmente na Alemanha, que era o país mais dependente do crédito norte-americano e em cadeia viram-se insolvências em massa, grande desemprego que passou de 1 milhão e 300 mil e um ano mais tarde 6 milhões. A resposta a este fenómeno criou várias crispações nos partidos da altura, não havia um quadro à altura da crise e isto fez com que todas as atenções se virassem para o chanceler de Endiburg?, o que faria com que numa situação crítica a Alemanha não ficasse sem governo. Havia que encontrar um chanceler para alcançar uma estabilidade social mínima.

Quem eram os nazis e o que eles propunham, como foi o seu programa evoluindo?

Nacionais-Socialistas (anos 1920)

Princípios Programáticos:

- A união de todos os alemães numa "Grande Alemanha".
- Mito da "facada nas costas" / Revogação dos tratados de paz.
- Terra e territórios para "alimentar o nosso povo".
- Anti-bolchevismo.
- Primado do "trabalhador sobre o explorador"; medidas contra o grande capital e capital judeu.
- Medidas de assistência social/justiça redistributiva.

- Reforma agrária com expropriações de grandes proprietários (abandonada em 1928)
- Reforço da autoridade do Estado e *Fuhrerprinzip.*

Composição social, religiosa, geográfica, etária e de género:
- Multiclassista (embora com predomínio de grupos profissionais de classe média baixa).
- Multiconfessional (embora com predomínio prostestante/luterano).
- "Nacional" (todas as regiões presentes, embora com ligeira sobrepresentação dos alemães oriundos de regiões exteririores à Alemanha e de bávaros).
- Multigeracional (embora com predomínio de jovens solteiros do sexo masculino).

Adolf Hitler, Mein Kampf (1924)

Nos inícios dos anos 30 do século XX, Hitler já se havia libertado da imagem de arruaceiro.
- O mundo natural compunha-se de comunidades divididas segundo linhas raciais
- Toda a história da humanidade era a história da luta entre raças (e não entre classes).
- As raças culturalmente "superiores" – os Arianos e os Nórdicos – aspiravam à dominação, mas para isso necessitavam de construir o seu "espaço vital" (*Lebensraum*).
- As raças inferiores, susceptíveis de contaminarem a pureza e integridade da *Volkgemeinschaft* ("comunidade racial") deveriam ser neutralizadas e eliminadas (mas sem explicar como).
- Devolver vitalidade à Europa pressuponha combater o individualismo económico, por um lado, e o revolucionarismo social por outro. Em termos mais positivos era preciso restaurar o espírito comunitário, fomentar um sentido de camaradagem e garantir que a economia estaria ao serviço dos interesses da nação e não de uma "plutocracia".
- Em termos mais práticos: destruição do Tratado de Versalhes, reunir todos os alemães num só Estado; eliminar a França que era uma grande potência; celebrar uma aliança com a Inglaterra.

11 de Abril

Apesar da derrota, a Alemanha teve um bom desempenho durante a guerra. Em 1934 houve um juramento solene militar das forças militares ao Fuher, e esse juramento era inquebrável. As forças armadas que se instalaram na Alemanha após 1945 nada tinham a ver e a Alemanha cessou de ser a potência que era. O Partido Nazi tinha uma grande possibilidade de mobilização, visavam recuperar o prestígio da Alemanha. A velocidade com que Hitler desmantelou as forças democráticas que existiam na Alemanha é impressionante. Partido Nazi com propaganda muito forte como partido do povo, da nação (eleições de Setembro de 1930). Depois eleições regionais em 1932, na Prússia. "O marxismo é o anjo da guarda do capitalismo", aqui os nazis procuravam sugerir ao eleitorado que eram as duas faces da mesma moeda. Os nazis usaram como arma eleitoral o Hitler como soldado raso (do povo) perante o marechal Hindenburg. Isto foi um saco muito difícil de engolir. O caracter espontâneo de Hitler era totalmente ensaiado, preparava-se exaustivamente, o meio como se comunicava era tão ou mais importante do que o que era dito. von Papen foi o grande orquestrador dos mecanismos de Hitler.

Isto sintetiza bem o segredo à ascensão ao poder dos fascistas na Itália e na Alemanha:
"Em nenhum dos países [Itália e Alemanha] os fascistas triunfaram apenas pela opinião pública ou pelas urnas. Usaram também a força paramilitar misturada com o eleitoralismo. O uso astucioso destes três recursos – militantes altamente dedicados, simpatia generalizada do eleitorado e ambivalência e fraqueza das elites- permitiram aos lideres nazis apropriar-se do poder com um misto de coação, disputa eleitoral e mudança constitucional"

Construção da ditadura Nazi

1933:

30 de Janeiro: Hitler nomeado chanceler
28 de Fevereiro: Incêndio de Reichstag dá pretexto para suspensão dos direitos civis; prisões em massa
5 de Março: Triunfo nazi em novas eleições legislativas com 43,9%
20 de Março: Abertura do 1.º campo de concentração em Dachau (com larga cobertura da imprensa)
23 de Março: Com o assentimento do Partido do Centro (católicos), Hitler obtém transferência de poderes do Reichstag para sua administração ("Lei de Facilitação")
1 de Abril: Primeiro boicote nacional às lojas judaicas
2 de Maio: Dissolução dos sindicatos
10 de Maio: Queima de livros "não alemães" nas cidades universitárias
14 de Julho: Legislação banindo todos os partidos, com excepção do Nazi
20 de Julho: Concordata com a Santa Sé
14 de Outubro: Alemanha abandona a SDN (decisão plesbicitada por 95,1% do eleitorado)
12 de Novembro: Nova eleição legislativa – Partido Nazi obtém 92,2% dos votos

1934:

20 de Janeiro: Lei de Ordenação da Mão-de-Obra Nacional (claramente enviesada a favor da direcção das empresas)
24 de Abril: Criação do "Tribunal do Povo" para julgar crimes de traição
30 de Junho: "Noites das Facas Longas", onde Ernst Röhm e outros líderes das SA são presos e fuzilados sem julgamento
2 de Agosto: Morte de Hindenburg, os cargos de presidente e chanceler fundidos num só. Forças armadas prestam julgamento de lealdade pessoal a Hitler

1935:

Março: anúncio do programa geral de rearmamento e de uma força alemã aérea; o Sarre (administrado pela SDN) regressa à Alemanha depois do plebiscito
28 de Junho: Novo Código Criminal do Reich agrava discriminações contra homossexuais
15 de Setembro: Promulgação das Leis de Nuremberga negam cidadania do Reich aos judeus e interdita casamentos e ralações sexuais entre alemães e judeus.

Houve um boicote a lojas judaicas em Berlim, em 1933. Havia a consciência de que o Estado não estava a assegurar a ordem social. A “noite das facas longas” foi um episodio marcante da chefia incontestável de Hitler.

16 de Abril

“Radicalização cumulativa”

Onde residia o dinamismo auto-destrutivo do Nazismo?

- A maneira utópica como a “redenção nacional” estava concebida (a purificação racial da Alemanha e a conquista de um “espaço vital” através da guerra e da dominação imperialista) não deixava margem para compromissos.
- A tendência para a expansão predatória era algo de imanente ao “sistema” hitleriano, mas estes era intrinsecamente caótico (ausência de planeamento coerente e de órgãos de decisão colegiais; uma liderança arbitrária e sem contra-pesos; uma competição “darwinista” anárquica entre várias instâncias; uma crença ilimitada no “triunfo da vontade”). O seu dinamismo e essência auto-destrutiva eram inseparáveis.

Kershaw coloca muito as questões da liderança que foi imprimido no terceiro Reich no centro da sua análise, para tentar explicar onde residia o dinamismo autodestrutivo do nazismo. Isto distinguia-o de outros processos totalitários, o estalinismo também o teve, mas apesar de tudo pois concluído o processe, entrou-se numa fase de maior estabilização. O Estaline perseguia fins racionais, também na forma como ele se conduziu na fase inicial na guerra fria mostrando abertura para chegar a equilíbrios com os estadistas ocidentais. No Hitler, havia algo no seu regime que impedia essa estabilização. Kershaw procura também inspiração nas categorias socialistas do sociólogo Max Weber, que atribui 3 tipos: o tradicional que confere a legitimidade aos soberanos que reivindicam uma certa autoridade, o segundo legal racional, no terceiro ele remetia para lideres proféticos da antiguidade pré-clássica, também figuras como Napoleão, e o Hitler também se insere dentro deste perfil, os níveis de adesão que ele conseguiu foram muito expressivos e até muito tarde. Também a tendência para a expansão predatória, outra tendência “debaixo da fachada de organização e ordem, havia o caos”. Hitler atribuía várias vezes as mesmas tarefas a pessoas diferentes, para ver qual seria o mais eficaz, gerando uma competição de caracter anárquico, gerando uma radicalização acumulativa “adivinhar a vontade do Fuher”. Não existiam leis fundamentais no nacional-socialismo, mas sim um conjunto de pronunciamentos por parte do Hitler, mais o Mein Kampf, que era razoavelmente impreciso e para se entender realmente o que Hitler queria, havia que se fazer conjecturas, adivinhar, e tentar apresentar as melhores propostas.

Kershaw com um grande avanço historiográfico, diz que nunca devemos ignorar o papel absolutamente central e crítico que o Hitler desempenhou em todo o processo. Na solução final, é possível reconstituir o acompanhamento mais ou menos cirúrgico do Hitler em todo o processo e nenhumas das grandes decisões relacionadas com o programa de extermínio foi tomada sem una concordância, mesmo que vaga e simbólica, do Hitler. Kershaw chama muito para a atenção do Hitler como unificador então.

Escolas

"Intencionalistas": o regime era altamente personalizado e todas as principais decisões e iniciativas reenviam-nos para Hitler (o Nazismo como uma tirania que seguiu um roteiro pré-estabelecido, anunciando em Mein Kampf)
"Funcionalistas": a melhor forma de compreender o regime consiste em estudar as suas estruturas e a natureza funcional das decisões. Daí o aspecto anárquico do sistema nazi uma verdadeira poliarquia. Hitler desempenharia um papel arbitral mas seria um ditador "fraco", embora com importante função de legitimação simbólica.
Síntese de Kershaw: Hitler como o unificador (de facções e correntes), activador (a sua "visão", assente em objectivos imprecisos, desempenhava um papel inspirador), e facilitador (a sua autoridade conferia apoio e sanção implícita às iniciativas que procuravam concretizar a sua "visão").

A partir de 1936 do ponto de vista doméstico, a situação económica estava muito mais estabilizado, através de um processo inflacionário, fomentando o poder de compra da população alemã. Também a política externa extremamente agressiva alemã levou a conquista de novos mercados e grande capacidade de exportação, que levou a que uma boa parte da população se reveja no terceiro Reich. O regime estava muito empenhado em oferecer uma série de facilidades de entretenimento, lazer, aos trabalhadores alemães, isto também se relacionava com a natureza totalitária do regime que queria gerir toda esfera privada dos cidadãos, tendo outros seguidores. A força através da alegria inspirou muitas outras organizações (caso da Inatel). A procura de uma hegemonia alemã na Europa central e oriental era procurada sem recurso às intervenções armadas, o auge de Hitler foi entre 1936 e 1939 quando ele restituiu todo o poderio que a Alemanha tinha antes da 1.ª Guerra Mundial sem ter disparado um único tiro, logo não é de admirar que esses segmentos alemães apoia-se em Hitler.

A partir de 1937 é quando Hitler estabelece a guerra como um objectivo incontornável e pede que se iniciam os preparativos para essa eventualidade, muitas pessoas tinham series duvidas de que a economia alemã estivesse preparada para essa via num tao curto espaço de tempo (não esquecer que a Alemanha tinha poucos recursos naturais). A época do apaziguamento, ganhou bastante notoriedade negativa, a tentativa de alcançar a boa-vontade por parte dos regimes autoritários através de concessões, que eram considerásseis razoáveis por uma parte das elites europeias, havia uma questão de má consciência, inclusive nos ingleses relativamente às punições impingidas à Alemanha na conferência de paz em 1919.

Porquê o Apaziguamento?

- Grã-Bretanha e França sem capacidade para actuarem como os guardiães do sistema de Versalhes (gerir impérios ultramarinos e zelar pela segurança europeia, fardo demasiado pesado).
- Parte das elites britânicas com "remorsos de consciência" pela punição infligida à Alemanha.
- Forte sentimento pacifista nas opiniões públicas europeias (trauma da Guerra de 1914-1918).
- Dificuldade em perceber e lidar com o "fenómeno Hilter".
- Anti-comunismo muito arreigado na direita europeia ("Antes Hitler do que Blum"). Antes um regime de ordem que ao menos salvaguardava os pilares da sociedade conservadora do que uma experiência de frente popular conotada com a própria União Soviética.

Havia um problema com a SDN, o facto de uma serie de países de grande relevo não estarem lá representados como por exemplo os Estados Unidos da América, a Alemanha excluída até 1926 e só até 1933 (quando Hitler percebe que os tratados limitariam as suas pretensões). A URSS também esteve fora durante uma série de anos, e imediatamente também o Estaline começou com reservas. E a Itália, que não era um guardião muito zeloso, pois tinha a ideia da tal facada nas costas. Logo, restava a França e Inglaterra (estes já com as suas reservas mentias relativamente à Alemanha e a Versalhes).

Havia clivagem entre a Alemanha e a Itália, pois esta última tinha intuitos sob a Áustria. A França também está numa situação muito delicada pois em 1919 fez o máximo para limitar a Alemanha, colocando a Alemanha estruturalmente frágil e ainda ao ponto de se verificar um desmembramento territorial da Alemanha. Isso daria margem de segurança à França, com a situação da Renânia. Sabia-se que havia uma preparação bélica eminente que se verificou logo após Hitler rasgar os compromissos internacionais da Alemanha. Logo, a França segue uma atitude estratégica eminentemente defensiva, como a linha de fortificações subterrânea que representava a abdicação de um Estado maior francês, um sentimento defensivo das elites francesas e a simbolizar a falta de fibra francesa o seu embate com a Alemanha em 1940. Na impossibilidade da França chegar a um entendimento com a URSS, procurou estimular alianças com outros Estados europeus que rodeassem a Alemanha, contendo a Alemanha. Todavia eram Estados que na hora certa, eram incapazes de conter a Alemanha. Só mais tarde e perante isto França se volta para a URSS.

Nos tempos do presidente Roosevelt, ainda se tentou uma reaproximação à SDN, mas as suas prioridades eram internas, como o New Deal, precisava de uma dedicação interna, havia que manter o capital, era abrir demasiadas frentes de desgaste.

Em 1931 a desagregação das sociedades das nações está eminente, com o Japão que atacou a Manchúria. Também a guerra da Abissínia (Itália à Etiópia, a primeira prevaleceu), que leva a uma radicalização interna do regime de Mussolini.

Uma das cláusulas mais importantes de Versalhes foi a que Hitler rompeu, o de rearmar a Alemanha. Isto significa que a Guerra Civil de Espanha já nem sequer pôde contar com a SDN.

Os nazis beneficiaram muito da existência de um partido nazi na Áustria.

18 de Abril

Na Cimeira de Munique os governantes checos foram convocados apenas para serem informados acerca dos destinos da Checoslováquia. Poucas semanas depois Hitler já desrespeitava este compromisso. Churchill neste altura ainda era afectado por alguns desaires políticos e a sua recuperação como estadista político ainda não tinha acontecido. Até onde se poderia ir em termos de Apeasemant (Apaziguamento)?

Protetorado da Boémia e da Morávia e o Estado Cliente da Eslováquia. Mapa do Pacto Ribbentrop-Molotov (Agosto de 1939), entre alemães e russos declara a agressão relativamente à Polónia. Os desígnios hegemónicos face à Polónia pela Alemanha e Rússia já eram conhecidos desde o século XVIII. Saiu mal para Hitler que pensou que ia conseguir fazer o seu bluff, terá subestimado a capacidade patriótica das elites polacas (repeliram uma invasão bolchevique, lutaram muito pela sua independência e já travaram uma guerra para a manter). A Inglaterra declarou guerra à Alemanha a 3 de Setembro de 1939, Hitler com isto ficou muito preocupado e irritado.

A guerra contra a Polónia foi a primeira demonstração de capacidade de guerra-relâmpago por parte da Alemanha, despoletando vários adversários e consolidando uma imagem de líder carismático e eficaz. Introduziu arte na guerra europeia e isso era algo que fazia sentido, era o Deus da guerra depois de Napoleão. Uma aura carismática e messiânica de Hitler fica plenamente estabelecida depois da derrota da França. A Polónia teve de enfrentar a ocidente Hitler a oriente a União Soviética. Muitos polacos também participaram no Holocausto, na Polónia esse sentimento antissemita também era muito evidente. Os polacos não foram meros espectadores. A derrota francesa aconteceu em menos de 5 semanas, muito antes de vencer a Polónia. Tudo o que se falava de uma nova guerra de trincheiras provou-se uma ilusão.

Hitler foi o estratega deste ataque à França. O marechal Pétain era uma figura muito respeitada na França, foi o interlocutor com os nazis e tinha sido um veterano da primeira guerra. França manteve-se militarmente divida até 1942, em virtude dos alemães. Vichy nunca passou de um Estado cliente da Alemanha. A posse de um império colonial era o último dos argumentos que Pétain tinha de uma França com dimensão imperial. Franco chegou a tentar negociar com Hitler a entrada na guerra para herdar o restante território francês no norte de África.
Hitler admirava muito Inglaterra. Tentativa de invasão a Inglaterra, pela aviação. A maquina de propaganda britânica foi brilhante neste período. Uma outra das grande armas britânicas foi também a sua capacidade de cifração dos códigos alemães durante a 2.ª Guerra Mundial e também uma máquina electromecânica de criptoanálise. Até aos anos 70 nunca se ouvira falar de Bletchley Park, que foi durante muito tempo um grande trunfo.
Uma data determinante é 22 de Junho de 1941 quando Hitler decidiu invadir a União Soviética, que reverteu a guerra. Foi o rigor do Inverno que travou as pretensões alemãs a Moscovo. Se Hitler tivesse conseguido, tudo tinha sido muito mais difícil, nem Roosevelt ajudaria.
Baixas Soviéticas: 5 milhões de prisioneiros de guerra, e só 2 milhões sobreviveram ao cativeiro alemão. Sofreu 11 milhões de mortes militares na Europa, um número que supera o de todos os outros beligerantes juntos. E entre 22 e 25 milhões de mortos civis. Baixas inglesas: 144 mil. Norte-americanas: 143 mil.
A 3 batalhas mais mortíferas foram operação a Barbarrosa (1 milhão e meio de mortos), Estalinegrado (973 mil) e cerco a Leninegrado (900 mil mortos).
Porque demoraram os Estados Unidos da América tanto tempo a entrar na 2.ª Guerra Mundial, porque demorou tanto Roosevelt? Ele já estava no seu terceiro mandato, foi muito difícil para ele convencer os seus políticos de que era necessário serem um aliado britânico. A memória da 1.ª Guerra Mundial não era muito receptiva a uma nova experiência.

Ele consegue aprovar em 1941 primeiro um pacote de ajuda à Inglaterra, e depois a outros países. Quando soube de Pearl Harbor, ele quase que celebrou porque já tinha um motivo para persuadir a opinião pública. A América tinha recursos muito para além do que a Alemanha podia imaginar. Quando começas as coisas a tornarem-se menos favorável ao Hitler, ao eixo, quando foi que a guerra inverteu? Foi no final de 1942, com a entrada dos Estados Unidos da América na guerra

Também factores de ordem política, tanto Roosevelt tanto Churchill não tomavam decisões influenciados pelos seus políticos. No Estado alemão ninguém desafiava a palavra do Führer.

23 de Abril

O holocausto, ao contrário do que se pensa, é um tema que historiograficamente ganha mais impulso na década de 60, e o seu lugar em termos de consciencialização é ainda mais recente. É um tema muito relevante nas percepções históricas dos Estados Unidos da América. Quase que se diria que é um tema da história norte-americana. Por outro lado, existe também uma grande controvérsia acerca de se a questão do ódio judaico foi o motor de engrenagem ou o contrário.

Existem grandes debates entre os intervencionistas e funcionalistas. Os intervencionistas defendem que o objectivo fundamental de Hitler era a aniquilação dos judeus, e o holocausto só podia acontecer na Alemanha. O livro *Os Carrascos Voluntários de Hitler* foi bem acolhido na sociedade alemã. O autor tenta perceber como a sociedade se tinha envolvido naquele processo e qual o seu grau. Por outro lado, as teses funcionalistas não isolam a Solução Final da política nazi.

O debate (nosso) de 1996 parte de duas investigações feitas a partir dos mesmos documentos e deles extraíram modelos de analise muito diferenciados. Para o Browning uma visão determinista, atribui aos alemãs a fobia aos judeus de pendor iluminista, considera que não há provas irrefutáveis de que isto tenha sido uma constante histórica na Alemanha. O anti-semistismo era um fenómeno transversal na comunidade europeia, sendo que no século XIX a comunidade judaica na Alemanha estava até muito mais bem integrada do que na Rússia ou até na França. Os judeus sempre foram alvo de preconceito, desconfiança por parte das elites estabelecidas na Alemanha. Contudo, por altura da 1.ª Grande Guerra já ocupavam posições importantes no funcionalismo público e certas profissões de relevo, tendo inclusive combatido na guerra. Como tal, o anti-semitismo não parece ser um factor que levasse o Hitler ao poder. Foi o contrário, à medida que o regime se desenrola, as massas unem-se às convicções de Hitler. As acções de extermínio numa fase inicial, estavam entregues a outros esquadrões de assassínio das SS, mas há medida que o número de pessoas classificadas como "indesejadas" pelo regime aumenta, estes esquadrões sozinhos não conseguem aguentar a carga e é preciso delegar outros para o fazer também. Aqui entra o exemplo do Batalhão de Reserva da Polícia 101 (na Polónia) . Ele descobriu um universo mais multifacetado do que o que o outro autor sugere (diz que os alemães colaboravam activamente no programa de extermínio). 10% dos homens deste batalhão não quiseram ter papel no holocausto e o resto concordou para não passar por cobardes ou fracos perante chefes e companheiros. Tenta perceber porque os homens (Ordinary Man) foram levados a colaborar no mais extremo genocídio da história humana. Surgiu como resposta as dificuldades do regime na frente oriental. Causou grande apreensão aos comandastes militares, pois disparar horas a fio contras homens, mulheres e crianças começou a exigir muito a nível mental dos soldados. Tinha-se de pensar noutra forma. E

foi assim que uma matança desordenada evoluiu para um programa metódico de extermínio em massa, envolvendo políticos, médicos, engenheiros e cientistas, a fim de encontrar as melhores formas. Uma série de indivíduos inteligentes que se acotovelam para apresentar a forma mais eficaz de resolver este problema das chefias militares. De início tentou-se uma solução territorial (como por exemplo, a ideia de enviar todos os judeus para Madagáscar), mas devido às exigências da guerra, não conseguiram executar este plano passando a um programa de extermínio a nível indústrial. Outra tendência é a de renovar as lógicas locais que conduziram aos genocídios. As primeiras mortes em massa acontecem na Rússia em 1941, precedendo as ordens de morte dadas por Berlim, sendo que muitas vezes eram os militares nazis que davam ordens, movidos por convicções ancestrais. De muitas outras nacionalidades, não eram meros agentes passivos ou coadjuvantes. Foram sim também iniciadores do processo. O próprio papel dos polacos neste processo é muito debatido. Houve vários pogroms na Polónia, de pessoas vulgares que tinham contas a ajustar com vizinhos judeus e vendo que podiam agir com total impunidade, agem contra estes.

30 de Abril

Devido à impossibilidade de se estabelecerem comunicações entre as forças soviéticas e britânicas, teve-se que se esperar que os Estados Unidos da América se juntassem à guerra, para que a aliança se formasse. Alguns desentendimentos, fricções, seriam inevitáveis de aparecer numa coligação nesta natureza. Churchill realçou que se para derrotar Hitler tivesse de fazer um pacto com o Diabo, que o faria. Propaganda dos aliados faziam dos russos "nossos amigos", mas depois a ideia de que a Rússia se debatia pela liberdade era questionável, como o Massacre de Katyn, em 1940. Este massacre causou um enorme mal-estar em alguns círculos aliados, pois a Inglaterra tinha entrado na guerra para defender a Polónia. Os soviéticos alegavam que o que estava a acontecer era pura propaganda alemã.

Um grande foco de divergência nesta altura relacionava-se com a abertura da segunda frente no bloco ocidental. A resistência oferecida pelos alemães foi muito mais efectiva do que se pensava. Milão só é libertada em 1945. O regime de Mussolini tinha caído em 1943, os alemãs até o resgataram de ser preso pelos aliados, e ainda conseguiu implantar um regime fantoche no norte da Itália. A progressão foi muito lenta. Enquanto isto se passava Mussolini perguntava porque não abriam uma segunda frente. Foi esta desconfiança sistemática de Estaline fez com que os próprios aliados propositadamente "tramar" a URSS, o objectivo era que no fim da contenda a URSS ficasse tão debilitada que não estivesse apta para tratar do pós-guerra.

Qualquer decisão estratégica que envolvesse dezenas de milhares de soldados ocidentais ia ser muito discutido, e por isso Churchill e Roosevelt, como governante eleito, tinha de considerar isto, ao contrário de Estaline, que não se preocupava com o povo perante as suas medidas de modernização. Era com base nestes parâmetros que Estaline encarava as coisas.

A opinião dos Estados Unidos da América de facto era que só podiam intervir na Europa de forma esmagadora e decisiva. Os seus grandes recursos, a capacidade de mobilização da população e da economia para uma guerra massificada, são

os seus grandes trunfos. Enquanto máquina de guerra, claro que o exército alemão era muito superior com uma cultura militar muito grande, mas o poderio industrial norte-americano era inigualável.
Em Maio de 1944, dia D, desembarcam os aliados na Normandia, o número de baixas das primeiras entradas foi terrível, nas muito bem defendidas praias do norte francês. A justificação, era que um assalto ao Japão e à ilha podiam chegar às 6 mil baixas norte-americanas, por outro lado centenas de milhar de baixas civis japonesas, no ataque a Hiroxima. É um pouco este principio racional. A partir do momento em que o desembarque se torna bem sucedido, tudo funciona e deixa os alemães num beco sem saída. Muito ainda a Alemanha resistiu, tendo em conta a sua situação extraordinariamente debilitada. Agora era só um vago instinto de sobrevivência que mantinha o 3.º Reich de pé.
O Principio da Rendição Incondicional, para sossegar os soviéticos, não existia uma paz separada com a Alemanha, os aliados procuraram um pouco anunciar isto ao mundo, há quem diga que isto reforço o sentimento de sentença alemã. É também nesta altura que Churchill e Roosevelt se apercebem da irreversibilidade de algumas acções soviéticas. A segurança da URSS não permitiria a independência de alguns Estados, e também havia a suspeita de que iria reivindicar algum território para si, a começar pela Polónia. Todas estas questões já estavam em cima da mesa nas cimeiras de Teerão em Novembro de 1943e na de Ialta em Fevereiro de 1945. Um dos resultados foi um documento redigido por Churchill para Estaline por forma a estabelecerem as percentagens sob os vários países, foi nestes termos que ele procurou estudar a receptividade de Estaline. Ele é revelador da forma como Churchill encarava as relações internacionais, e da receptividade de Estaline em fazer negócios. Nesta última cimeira, Roosevelt já se encontrava muito debilitado, morreu poucas semanas depois, era doente, fumava muito e todo o stresse das movimentações das relações internacionais o obrigavam.

Cimeira de Ialta (4 de Fevereiro de 1945)

- Criação da Comissão de Controlo Aliada incumbida de supervisionar a divisão da Alemanha.
- Confirmação da decisão de dividir Berlim e a Alemanha em quarto zonas de ocupação.
- Fronteiras da Polónia deslocadas para Ocidente mediante promessa soviética de eleições livres.
- Assinatura da "Declaração sobre a Europa Libertada", pela qual os três lideres afirmaram o direito dos povos de "criarem instituições democráticas da sua escolha" e se comprometam com o estabelecimento tão breve quanto possível de governos eleitos livremente.
- Roosevelt (à revelia de Churchill) aceita que a URSS obtenha ganhos territórios no japão e direitos económicos na Manchúria em troca de uma declaração de guerra soviética ao império nipónico.
- Foi aceite pelos soviéticos a ideia de que existiria um conselho de segurança do qual eles fariam parte, mas existiria um direito de veto sobre os seus membros (Nações Unidas).
- Foi aqui também que se estabeleceu que a Alemanha ia pagar indeminizações muito elevadas, particularmente à URSS.

A Declaração da Europa Libertada serviu sempre de referencia às potências ocidentais. Foi por causa dela que só em 1975, na Conferência de Helsínquia, as fronteiras da 2.ª Guerra Mundial foram reconhecidas.

Já com Truman, devido à morte de Roosevelt, e o sucessor de Churchill, vencido nas legislativas, na Conferencia de Potsdam em 1945, mas a sua obra perdurou após a a sua morte: as quatro liberdades a de expressão, a de culto, a de viver sem a privação económica e material, e a face ao medo. Eram estas as grandes razões da entrada na contenda dos Estados Unidos da América. Era um pouco em nome destas preocupações que ele supervisionou algumas iniciativas que já apontavam para uma nova ordem internacional. Ele falava dos quatro xerifes. Não era a França mas sim na China que Roosevelt apostava para defender a Ásia, isto caiu muito mal na opinião pública norte-americana. Dava a ideia que eram os grande poderes que ditavam a sua lei. Portanto, no Conselho de Segurança eram esses quatro mais a França, e depois outro que poderiam desempenhar lugares temporários. Assim, também os pequenos poderes poderiam também ter voto de matéria, mas só os grandes é que têm o poder de veto. Isto era também um mecanismo de responsabilizar as grandes potências. A verdade é que têm desempenhado um grande papel na manutenção da paz. Ele também queria tirar as devidas conclusões da Grande Depressão. Na ideia dele, era que o capitalismo precisava de ser salvo de si próprio. Portanto ele vai reforçar e dar o seu apoio a iniciativas de tipo multilateral para tornar estável o sistema financeiro, o mais conhecido foi o sistema de Bretton Woods. O sistema do padrão-ouro tinha entrado em colapso no inicio dos anos 30. O sistema funcionou até 1971 no âmbito do FMI, aí os Estados Unidos da América abandonam-no. Alguns historiadores defendem que não foi o Roosevelt a possibilitar esmagar a Grande Depressão mas sim os efeitos do pós-guerra. Perderem apena 120 mil homens e a sua economia estava impecavelmente intacta, e o seu território à excepção de Pearl Harbor foi inviolável. Roosevelt não era um liberal ortodoxo, ele vinha das elites abastadas, mas tinha um grande sentido de justiça social, ele doou uma parte significativa do seu património a várias instituições.

Uma ordem liberal-progressista sob a égide dos Estados Unidos da América?

- Refundar o ideal wilsoniano da "segurança colectiva" mas sem premissas mais "realistas" (dar dentes à ONU, sucessora da SDN).
- Reforço do multilateralismo ("Sistema de Bretton Woods"). FMI, BIRD/Banco Mundial.
- Estímulo à liberdade de comércio, desarmamento tarifário, eliminação de barreiras protecionistas (rondas do GATT), sistema cambial de paridades fixas (dólar como referência).
- Criação de uma Declaração Universal dos Direitos do Homem (com referência a direitos económicos e sociais).

Estaline cria consolidar a esfera de segurança. Mas isso nem sempre era um objectivo fácil de dissociar de outras interpretações, e no final da Cimeira de Potsdam, as relações já estavam muito acentuadas.